

AMAZON ORIGINAL STORIES

ALI HAZELWOOD

#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR



HOT for
SLAYER

QUENTE COM O MATADOR

Scared Sexy Collection 01
SÉRIE COM VARIAS AUTORAS

Ali Hazelwood

Quando um caçador de vampiros perde todas as suas memórias, a única pessoa que pode ajudá-lo é a vampira que ele tentou matar por séculos neste conto inesquecível da autora best-seller do New York Times, Ali Hazelwood.

Quando Aethelthryth — Ethel — para seus vizinhos modernos de Manhattan — encontra seu inimigo jurado, Lazlo Enyedi, sem memória de quem ou o que eles são, uma antiga caçada se transforma em uma chance inesperada de paixão proibida. Ele está dormindo no sofá dela, resolvendo seus quebra-cabeças de sudoku e olhando para ela como se ela fosse sua chama eterna (sem toda a parte de explodir em cinzas). À medida que suas memórias retornam lentamente, Ethel percebe que pode estar em perigo de perder mais do que apenas a cabeça....

Hot for Slayer, de Ali Hazelwood, faz parte de Scared Sexy, uma coleção deliciosamente sombria de romance de Halloween, onde coisas que acontecem à noite podem roubar seu coração. Essas histórias independentes e sedutoras combinam arrepios e calor na sobremesa perfeita de Halloween —

cada uma pensada para ser devorada de uma só vez.

✨ **TRADUÇÃO FEITA POR FÃS, PARA FÃS E COM MUITO AMOR!** ✨

Este trabalho é **100% voluntário**, sem nenhum objetivo de lucro. Nossa missão? Trazer para você aquelas histórias incríveis que ainda não chegaram em português, aproximando leitores e autores que merecem ser descobertos.

O livro que você tem aí não é de nenhuma editora brasileira. É fruto de carinho, dedicação... e talvez um ou outro errinho ou adaptação para deixar tudo mais fluido.

📧 Nosso pedido especial: curta essa tradução no seu cantinho e não espalhe o arquivo por aí. Nada de postar em blogs, redes sociais (YouTube, Instagram, Twitter, TikTok...) ou sites como Docero e Pinterest.

Cada pessoa que respeita esse pedido ajuda a proteger o trabalho e o amor que colocamos aqui.

Obrigada por apoiar os autores e o time de fãs que se dedica a compartilhar essa paixão. Agora... bora mergulhar juntos no universo mágico dos livros e viver mil aventuras!



Capítulo 1



A última vez que Lazlo Enyedi e eu fizemos tanto contato físico um com o outro, o Muro de Berlim estava caindo.

Literalmente.

Enquanto a multidão cinzelava energicamente pedaços de concreto pichado nas seções ao redor dos postos de controle do muro, o corpo de Lazlo se pressionava tão perto do meu que seu calor quase nos fundia.

Isso foi, claro, há mais de trinta anos. Mas para alguém que está aqui há tanto tempo quanto eu, três décadas são pouco mais do que uma estrela cadente cruzando o céu noturno, e eu me lembro bem daquele momento. Era a história se formando. Um momento decisivo para a revolução. Uma mudança de paradigma que levou a mudanças profundas nas marés da civilização e atraiu pessoas — pessoas como eu — de todo o mundo.

Embora, para ser sincero, eu só tenha ido para a Alemanha porque estava com fome.

Uma pesquisa cuidadosa indicou que um homem muito mau estava rondando Berlim, fazendo coisas muito ruins com pessoas inocentes. Como alguém precisava detê-lo, e como eu não me alimentava direito havia algumas semanas, decidi visitá-lo e matar dois coelhos com uma cajadada só.

Só que não foi uma ave que eu matei.

Depois, lambi os beijos, ajustei as ombreiras do meu blazer e dei um

passeio em meio à multidão agitada de pessoas celebrando a noite que marcou época.

O problema com criaturas como a minha é que já vimos tudo isso acontecer, repetidamente. Entendemos que o tempo é um círculo plano. Testemunhamos civilizações ascenderem, estagnarem, caírem e, em seguida, estagnarem novamente em seu caminho de volta. Racionalmente, sabemos que não devemos nos envolver demais nos assuntos dos mortais. Ainda assim, há algo deliciosamente sustentador na energia que irrompe em uma multidão durante um evento marcante. Todo esse poder transformador é como uma corrente que corre em nossas veias e uma justaposição deliciosa à imutabilidade fixa de nossa própria existência.

Tudo isso para dizer: eu estava em Berlim e me divertindo bastante — até que avistei Lazlo Enyedi. Meu caçador menos favorito, mas também o mais favorito. Ou talvez o único que eu conseguiria reconhecer em meio a uma fila de espera.

Minha familiaridade com Enyedi era esperada, considerando que a Guilda Hällsing o havia incumbido especificamente de erradicar minha linhagem. Mesmo assim, a maioria dos caçadores de vampiros aparecia e desaparecia, geralmente abatidos por um momento de distração ou por sua própria arrogância imprudente e odiosa. Enyedi, porém, existia desde o início da Idade Média.

Provavelmente porque ele era irritantemente habilidoso em seu trabalho.

Não me perguntei como ele sabia que eu estaria em Berlim, porque não fazia sentido. Me encontrar era um talento especial dele, assim como acariciar minha cabeça e esfregar minha barriga ao mesmo tempo era o meu. Cada um tinha um talento especial. As habilidades de Enyedi simplesmente eram úteis.

— Vampira — sussurrou ele no instante em que nossos olhares se encontraram por entre a multidão festiva. Havia vários milhões de decibéis e o equivalente a uma piscina olímpica entre nós, mas eu conseguia ouvi-lo tão claramente como se ele estivesse dentro da minha cabeça.

Observei-o por uma fração de segundo. Observei as tatuagens coloridas

que subiam pelo seu pescoço e se curvavam sob o queixo. Seus cabelos escuros e olhos cor de âmbar. A imponente imobilidade de seus ombros enquanto as pessoas andavam ao seu redor, instintivamente saindo do seu caminho.

— Matador. — Suspirei.

E então, como era meu hábito e única opção diante de Enyedi, comecei a correr. Atravessei a multidão rápido o suficiente para despistá-lo, mas lento o suficiente para não levantar suspeitas entre os celebrantes. Abaixei-me sob trincheiras, desviei dos martelos e megafones que circulavam, e provavelmente teria desaparecido na noite — se uma criança soluçando não tivesse se materializado bem diante dos meus olhos.

Parei de repente. Olhei para o amontoado de bochechas avermelhadas, ranho e lágrimas inconsoláveis escorrendo aos meus pés. Esperei que a criança parasse de chorar por um instante para gaguejar: — Você está, hum, bem?

Ele — ela? — eles não estavam. Estavam procurando desesperadamente por sua Mutter, e mesmo um monstro arquetípico como eu não conseguia evitar o pirralho. — Entschuldigung? — perguntei, olhando freneticamente ao redor em busca de um humano com aparência maternal. Assim que a Mutter em questão foi localizada, corri novamente, mas já havia perdido muito da minha vantagem, e...

Bem. Foi assim que me vi perto o suficiente de Enyedi para sentir seu coração batendo contra o meu peito. Pressionada entre ele e a parede de tijolos de uma casa, para ser mais precisa.

Esse tipo de merda, informei mentalmente ao universo, não incentiva boas ações.

O universo não respondeu, provavelmente porque estava com muito medo de Lazlo Enyedi para falar por cima dele enquanto ele dizia: — Aethelthryth. Finalmente nos encontramos novamente.

Sorri, torcendo para que isso o irritasse. — Ei, amigo.

Não éramos amigos, não no sentido correto da palavra. Mas, por mais que me doesse admitir, eu tinha uma relação um tanto parassocial com ele, apesar de

termos trocado um total de duas dúzias de palavras, a maioria das quais eram variações de ‘morre monstro’ e ‘não, você morre primeiro’. Não que eu goste de assédio implacável, mas o que uma garota pode fazer quando a única presença constante durante o último milênio de sua vida foi um cara que tem a obrigação contratual de assassiná-la?

— Há quanto tempo? — perguntei, piscando os olhos. — Pelo menos desde o início dos anos 80. Espero que você ainda use protetor solar, porque esses pés de galinha ao redor dos seus olhos não... Merda. — Resmunguei quando uma adaga cravou na minha barriga, me prendendo à parede de tijolos.

Não era grande coisa. A única maneira infalível de matar um vampiro era arrastá-lo aos chutes e gritos para o sol, o que Lazlo sabia muito bem. Mesmo assim, ser espetada doía pra caramba.

— Que bom te ver, t-também — gaguejei entre tosses, tentando manter o sorriso. Uma mistura de catarro e sangue esguichou da minha garganta e caiu na camisa dele, mas não me senti mal nem um pouco.

Foda-se ele e sua conta de lavagem a seco.

— Olha só você — murmurou ele com seu sotaque desbotado do Leste Europeu, aqueles olhos amarelos de animal percorrendo minha pele. — Corada, roliça e linda. Você acabou de se alimentar, não é?

— Linda? Aww, Lazlo, eu não sabia que você tinha uma queda por... Filho da puta. — Ele balançou a lâmina para frente e para trás na minha barriga, o que, ai. O lado positivo é que me deu a oportunidade de me sacudir em seus braços e fingir um movimento convulsivo, que usei para recuperar minha própria adaga do quadril.

Que então mergulhei em seu flanco com prazer.

O grunhido que subiu ao seu peito soou como uma orquestra sinfônica inteira aos meus ouvidos. — Agora estamos quites — gritei entre dentes.

— É mesmo? — A expressão de Lazlo não me deu a satisfação de mudar um milímetro sequer. Caçadores também dificilmente fariam alarde por causa de uma facada leve. — E quando o sol nascer? Eu te prendi.

Zombei, ignorando o fio de sangue escorrendo pelo canto da minha boca. — O amanhecer é em seis horas. Espero que você tenha algumas ideias divertidas para passar o tempo.

Seus lábios se contraíram. — Poderíamos relembrar. Felizmente, compartilhamos muitas memórias.

— Graças a Deus. Como naquela vez em que você tentou me matar em Constantinopla. Ou a vez em que você tentou me matar em Lampang. Ou a vez em que você tentou me matar num pátio em Veneza. Ou a vez em Saskatoon, onde — e você pode começar a notar um padrão — você também tentou...

— Silêncio, Aethelthryth. — Seu tom era áspero, mesmo através do calor do seu pequeno sorriso. Ele sangrava profusamente, e o cheiro subia, forte, metálico, divino. A saliva se acumulava na minha boca, e eu me perguntava como eu podia sentir tanta fome enquanto meus órgãos internos estavam sendo moídos em um bolo de carne.

Como diabos o sangue de um assassino consegue cheirar tão bem? — Você vai ter que me nocautear se quiser que eu fique quieta até o amanhecer.

— E me privar da sua companhia? — Ele estalou a língua. — Nunca.

— Sério? Bem, deixe-me ressaltar que, se você conseguir o que quer, vai ficar privado da minha companhia por muito mais tempo do que...

— Com licença, vocês dois?

Nós nos viramos, assustados — tanto pela voz com sotaque britânico que nos dirigia quanto pelo fato de que, no processo, minha testa roçou nos lábios de Lazlo, um gesto muito parecido com um beijo para ser confortável.

Um arrepio percorreu minha espinha.

— Somos da BBC e ouvimos você falando inglês. Seria possível entrevistá-lo sobre sua perspectiva sobre os eventos desta noite?

Lazlo e eu ficamos olhando sem palavras para os jornalistas parados na rua lateral mal iluminada.

— Senhor? Senhora? O senhor fala inglês, certo?

Atrás dele, uma mulher carregava uma câmera na mão, e uma ideia surgiu

em minha mente.

— Claro que sim — respondi com um sorriso deslumbrante. Soltei a mão do lugar onde estava presa entre o meu torso e o do Lazlo, limpei o sangue da boca e empurrei delicadamente o ombro dele. — Querido, você sai de cima de mim por um segundo? — Fiz um beicinho, apreciando imensamente o seu maxilar cerrado. — Quero falar com a BBC. Quero aparecer na TV.

— Ótimo, senhora. A senhora pode se mudar para aquele canto conosco? A iluminação lá é muito melhor.

Uma coisa engraçada sobre os caçadores era que eles tinham um órgão regulador. E corria o boato de que a Guilda Hällsing não gostava de demonstrações públicas de assassinato, especialmente aquelas flagradas por câmeras. Afinal, humanos eram almas pequenas e frágeis — eu tinha o direito de dizer isso, porque já fui uma — e não se podia confiar neles para descobrir que vampiros e caçadores andavam entre eles. A reação deles provavelmente teria sido correr até o supermercado, comprar todos os enlatados e papel higiênico e nunca mais sair de casa — eles causariam um rebuliço enorme e interromperiam a cadeia de suprimentos.

Não, obrigado.

Então, a partir do século XX, a Guilda passou a reprimir assassinos que nos matavam na frente de testemunhas. E, ao fazer isso, eles salvaram a minha vida.

— Vamos, querida — eu disse docemente, meus olhos encontrando o vidro lapidado do Lazlo's. — A gente pode ficar mais tarde, né?

O — sim — de Lazlo foi um rosnado deliciosamente descontente. Tentei não estremecer enquanto ele inclinava nossos corpos para esconder o deslizar de sua adaga para fora do meu abdômen. Fiz o mesmo com minha faca e então olhei para baixo para me certificar de que o sangue não estava visível contra o tecido escuro da minha camisa.

Enquanto isso, a câmera continuou filmando.

— Eu sei que você odeia ser o centro das atenções, docinho. Por que não

espera aqui enquanto eu faço minha entrevista? — A camisa de Lazlo era mais clara que a minha, e que péssima escolha de traje para uma caçada. Ele não estava em condições de nos seguir até um lugar com melhor iluminação, e sabia disso.

— Até a próxima vez, então — ele disse com uma carranca profunda.

— Certo. Pode demorar um pouco. Desculpe!

— Contanto que você não deixe ninguém chegar até você antes de mim, Aethelthryth.

— Ah, não se preocupe. Eu sempre vou me guardar para você.

E foi assim que me liberei de Lazlo Enyedi na noite de 9 de novembro de 1989. Enquanto caminhava lado a lado com os jornalistas, olhei para Lazlo uma vez, principalmente para lhe dar o meu sorriso mais presunçoso e insuportável. Ele estava onde eu o havia deixado, ainda de cara feia para sua adaga. Quando percebeu que eu o observava, ergueu a lâmina até o rosto. E com um sorriso que não parecia um sorriso, começou a lamber meu sangue.

Era . . .

Bem. Simplesmente foi.

Muitas coisas, entre elas a última vez em que estivemos tão próximos. Vi Lazlo algumas vezes desde então — em uma celebração do ano 2000 em Los Angeles, no início dos anos 2000 no Sudeste Asiático, depois daquela reestreia da Feira de Lilith em 2010 — mas nunca estive tão perto quanto em Berlim, e sempre consegui escapar antes que ele pudesse se aproximar.

Até agora.

Hoje, quase trinta e seis anos depois daquela noite na Alemanha, seus braços me envolvem com força, seu corpo é um cobertor pesado sobre o meu, e seu único propósito parece ser me proteger da luz do sol.

Hoje, Lazlo Enyedi salvou minha vida.

Capítulo 2



Minha mãe não criou alguém que desistisse.

Bem, minha mãe não me criou. Ela me deixou na abadia assim que meu irmão veio ao mundo, depois de prometer a São Fursey que, se meu pai gerasse o herdeiro homem que tanto desejava, ela dedicaria a vida da filha mais velha à piedade e ao trabalho. A Querida Mamãe era muito generosa com suas promessas, especialmente quando envolviam o sacrifício de outras pessoas.

Foi uma pena para mim, a filha mais velha em questão — e, sejamos honestos, ainda mais para a abadessa — que minha disposição não fosse exatamente material para o monastério. Não que eu fosse uma rebelde ou uma delinquente. Isso exigiria intrigas, trabalho duro ou uma rebeldia bem organizada, e a Pequena Aethelthryth era uma sonhadora distraída e observadora de estrelas demais para isso.

Claro, isso era um problema por si só, porque eu constantemente desejava coisas que não eram compatíveis com o meu destino. Eu desejava viajar. Eu desejava rir. Eu desejava baladas, danças e contos. Eu desejava uma vida que eu não poderia ter, o que era, aparentemente, meu maior defeito. Apesar de ser obrigada pela Regra Beneditina a rezar oito vezes por dia, a abadessa ainda encontrava tempo para me lembrar que, se eu continuasse cobiçando um futuro que não me pertencia, acabaria em água gelada por toda a eternidade, e meus ossos apodreceriam dentro do meu corpo. Sua credibilidade pode ter sido

ligeiramente prejudicada pelo fato de que ela também acreditava em levar o gado a julgamento por mau comportamento e em arrancar todas as suas sobrancelhas. (Infelizmente, não posso recomendar crescer em um pequeno convento localizado na Ânglia Oriental do século VIII.) Ainda assim, ela não estava errada sobre mim: eu quero coisas que não me pertencem o tempo todo. A principal delas: companhia.

Minha parte favorita de estar no convento, claro, era o gostinho de irmandade que ele me proporcionava. As mulheres com quem eu convivia eram meu povo. Minha família. Minha comunidade. Elas me ensinaram a beleza de compartilhar uma vida, e eu ingenuamente presumi que esse tipo de companheirismo estaria para sempre ao meu alcance.

Então meu criador de vampiros o arrancou, e eu tenho ansiado por ele desde então.

O problema está na disposição da minha espécie. Muitas lendas presumem que gostamos de ficar juntos. Elas falam de clãs, ninhos e colmeias, onde vampiros se reúnem para unir forças em preparação para nossos atos nefastos. Elas insinuam que formamos uma sociedade estruturada, que fazemos trens de refeições, que namoramos, transamos e temos filhos vampíricos fofos. Mas isso não poderia estar mais longe da verdade. A maioria dos vampiros é extremamente territorial. Eles não suportam proximidade com os outros, anseiam por competição mesmo quando os recursos naturais são abundantes e são mais propensos a se matar do que a estender um convite para jantar.

Vampiros são péssimos — sem trocadilhos — e estão condenados a uma eternidade de conflito e solidão. Então, é claro, uma vampira é o que a jovem gregária e sociável eu me tornei. E como a abadessa, o convento e os votos quinquenais obrigatórios de jejum não me fizeram desistir — nem conseguiram acabar com a teimosia — mesmo treze séculos depois de minha passagem como vampira, ainda não aceitei minhas novas circunstâncias.

Temo que isso será minha ruína.



Minha última onda de infortúnio começou há alguns meses, quando um novo vampiro se mudou para uma casa localizada um pouco perto demais da minha.

No começo, não pensei muito nisso. Nova York é enorme, e eu não era de forma alguma a única vampira morando na cidade. Manhattan, no entanto, tem sido meu território de caça pessoal na última década, principalmente por causa da abundância do meu tipo de refeição favorita.

Meu lema é: se eu tenho que sugar alguém a cada poucas semanas, por que não escolher um executivo do Goldman Sachs?

Mas, de repente, eu não estava mais sozinho no meu raio de sete quarteirões. O que só poderia ser interpretado como um desafio, e me deixou com duas opções: dar o fora do lugar que tinha sido meu lar pelos últimos dez anos ou me esforçar para expulsar o novo vampiro do meu território.

Teimosamente, decidi envergonhar minha espécie não fazendo nenhuma das duas coisas.

Eu gostava do meu pequeno apartamento apertado. Como o sol de inverno se punha cedo na cidade. O jeito como as pessoas andavam rápido até se tornarem indistintas, alheias à fragilidade de suas curtas vidas, dia após semana após mês. Eu gostava das quatro estações, dos museus e cinemas, do cheiro dos restaurantes em que eu nunca pisaria. Mais recentemente, alguns guaxinins pareciam ter me conquistado. Eles subiam pela escada de incêndio e olhavam pela minha janela até eu lhes dar comida, sibilavam para mim enquanto consumiam os frutos do meu trabalho e então saíam correndo sem cerimônia, sem dúvida para algum outro idiota que também havia comprado um frango

assado da mercearia só para a ocasião.

A questão é que eu estava me divertindo muito. Não queria passar semanas planejando uma emboscada para algum babaca que estava tentando arrumar briga, mas também não queria me mexer. Então, criei uma terceira opção: ignorar o novato e torcer para que ele fizesse o mesmo.

Naturalmente, ele não o fez. Em vez disso, depois de alguns meses de convivência sem incidentes, que me incutiram uma falsa sensação de segurança, ele me atacou enquanto eu passeava à noite no Central Park.

Nada demais. Achei uma merda da parte dele não me avisar antes de recorrer à violência — uma cabeça de cavalo de cortesia na minha cama, um bilhete rabiscado pregado na minha porta com uma adaga ensanguentada. Mesmo assim, era obviamente um vampiro bebê. Um macho de apenas algumas centenas de anos. Lutar contra ele exigiu muito pouco esforço.

Deixei-o inconsciente sob o Obelisco e pensei: Que se dane. Não estou lidando com as oscilações de humor de um adolescente. Estou me mudando.

Meu primeiro erro foi não contê-lo.

A segunda, passando no meu apartamento para pegar algumas coisas: o pente de bronze que a Madre me dera antes de eu entrar para o convento; o pequeno retrato de Donna Lucia, uma humana que adivinhou corretamente que eu era uma vampira e ainda viajava por toda a Europa comigo, pintado por Botticelli no século XV; a fita cassete com músicas que compus durante minha era shoegaze. Esse tipo de coisa.

O Vampiro Adolescente Sujo estava lá, me esperando, e desta vez ele conseguiu me pegar de surpresa, me nocautear e me arrastar para um prédio abandonado, onde me amarrou a uma cadeira aparafusada em frente a uma janela voltada para o leste. Recuperei a consciência um pouco antes do nascer do sol, tempo suficiente para refletir se, em meus quase mil e quatrocentos anos, eu havia deixado uma marca permanente no mundo e se alguém notaria minha ausência.

No mínimo, pensei, os guaxinins vão. Quando estiverem com fome.

A luz do sol começou a penetrar no vidro, e tudo o que consegui pensar nos meus últimos segundos foi algo que não passava pela minha cabeça há pelo menos uma década.

Contanto que você não deixe ninguém chegar até você antes de mim, Aethelthryth.

Ah, sim. Lazlo Enyedi. Tomara que ele não fique tão triste.

Se isso faz você se sentir melhor, Pensei com carinho nele, desejando que o universo transmitisse a mensagem: eu preferiria que fosse você.

Aparentemente, eu teria preferido tanto que meu cérebro o criou do nada. Enyedi, o pior matador de Hällsing que já viu um vampiro, estava parado na minha frente. Uma última miragem antes do fim.

— Ei — eu disse a ele com um sorrisinho divertido. — Não suportaria deixar outra pessoa me massacrar, hein?

— Eu sei o que é meu — murmurou ele em seu tom cortante de sempre. Ele se moveu para soltar meus pulsos amarrados, e suas mãos pareciam tão quentes, seguras e estranhamente reais em minha pele, que comecei a suspeitar que talvez...

— Espere aí. Você está mesmo aqui?

Assim que um raio de sol atingiu a cadeira, ele rasgou minhas amarras e me empurrou, sem muita delicadeza, para longe da luz. Foi então que o Teenage Dirtbag, que claramente estava esperando por um show pirotécnico vindo de algum lugar na sombra, decidiu que não deixaria um assassino aleatório interferir em sua matança. Isso levou a uma briga a três, durante a qual perdi a noção de quem estava fazendo o quê, e então a uma sequência muito cinematográfica que terminou com Lazlo jogando o Teenage Dirtbag da escada de incêndio. Eu queria ter visto ele queimar até a morte, mas eu estava ocupado lidando com minha própria enrascada — mais precisamente, o fato de que, antes que Lazlo o alcançasse, o Teenage Dirtbag conseguiu me derrubar e quebrar minhas pernas, meu osso do quadril e meu ombro esquerdo, impossibilitando meu movimento. As fraturas iriam se curar rapidamente, mas não rápido o

suficiente para eu escapar do sol que se aproximava rapidamente.

É isso, pensei. O fim.

Foi quando Enyedi correu para me empurrar para fora da luz, bateu a cabeça em uma viga do teto que desabou e caiu inconsciente em cima de mim.

Que seria onde estamos agora.

Claramente, esse assassino realmente quer que eu morra nos termos dele.

— Hum — digo enquanto seu peso inerte me achata. Meus tendões e ossos já estão se recompondo. Sou uma vampira. Tenho superforça. Mesmo assim, deslizar pelo chão ensolarado enquanto me cubro com o corpo dele é uma façanha, assim como arrastar nós dois para um corredor sem janelas.

Tanto que meus neurônios devem estar cansados demais para trabalhar.

Que diabos estou fazendo, arrastando Lazlo comigo? Encostando-o na parede de gesso? Passando a mão em seus cabelos escuros para avaliar a gravidade dos ferimentos? Ele é um assassino. Só me salvou para poder me matar. Agora estou presa em um prédio abandonado no SoHo com ele, e terei que passar as horas até o pôr do sol sendo caçada por ele.

A menos que eu o mate primeiro.

O pensamento me atinge com uma pontada de culpa, que reprimo, incrédula. Os guaxinins comeram seu córtex pré-frontal, idiota? Você tem que matá-lo. Imediatamente.

Sim. Eu quero. Preciso decapitá-lo. A única coisa da qual assassinos não conseguem se curar. Mas Saco de Lixo pegou minhas armas, e eu...

Lazlo ainda deve ter algo afiado em algum lugar. Eu me jogo nele, passando a mão por uma extensão de músculos que eu acharia mais impressionante se não fossem exclusivamente dedicados a assassinar a mim e à minha linhagem. Ele ainda tem quatro — quatro! — lâminas, escondidas em vários lugares. Tiro a mais comprida da bota dele e a levo até sua garganta...

E deixei minhas mãos caírem.

Ele acabou de salvar a minha vida. E eu o conheço desde antes do século XII. Ainda me lembro das suas roupas ridículas de Cruzada.

Você também se lembra de quando ele cortou seu queixo com a espada idiota da Cruzada? Levou umas cinco semanas para ele voltar ao formato normal.

Correto. É por isso que tenho que fazer isso. É ele ou eu, e...

— Porra — diz uma voz confusa.

Quando olho para ele, Enyedi está piscando para mim, massageando a lateral da cabeça.

Mate-o agora. Mate-o. Agora.

Mas eu não faço. Porque estou muito ocupada ouvindo as cinco palavras que mudarão minha vida para sempre. — Quem diabos é você?

Capítulo 3



A abadessa certa vez me disse que os verdadeiros problemas raramente são aqueles com os quais passamos o tempo nos preocupando. Acredito que foi no contexto de eu me preocupar com a dor de ter um dente arrancado — em oposição, digamos, às chamas da condenação eterna. Na época, acariciei minha bochecha inchada e revirei os olhos, mas talvez este seja o dia em que eu reavalie seriamente minha péssima opinião sobre ela, que já dura séculos, porque ela estava obviamente certa.

Lazlo não se lembra de quem eu sou, e estou pronta para entrar em pânico por causa disso. Mas isso não é um problema, especialmente quando confrontada com uma descoberta ainda mais urgente.

Lazlo não se lembra de quem ele é.

— Como assim, você não... sabe? — pergunto. Quando ele abriu os olhos, corri de volta como a barata que claramente sou, o que significa que estamos sentados contra paredes opostas no corredor. Escondo a adaga dele atrás das costas, me perguntando se — não, quando — terei que usá-la nele.

— Parece autoexplicativo — murmura Enyedi com a inflexão impassível que há muito tempo aprendi a associar a ele. Ele se senta ereto, com os músculos tensos, esfregando a nuca. Quando a palma da mão volta sangrando, ele a encara por um instante e depois dá de ombros. — Onde estamos?

— Ah... SoHo, eu acho. — Mantenho meus olhos fixos nele, esperando um ataque.

— E onde é isso?

— No, hum, planeta Terra? — Seu olhar furioso me diz que me afastei um pouco demais. — EUA. Nova York.

— Entendo. E quem somos nós?

— Você realmente não...

— Sim — ele interrompe com um grunhido baixo e irritado. — Sério que não. Não me lembro do meu nome, do seu, do motivo pelo qual estou aqui ou dos eventos que precipitaram este momento. Além disso, não conseguiria listar uma única pessoa que conheço. Aliás, nem me lembro de quando aprendi o significado das palavras que estou usando. O que eu sei, no entanto, é a definição de amnésia, que é um sintoma comum após uma pancada na cabeça...

— Lazlo — digo, mais para calá-lo. Idiota. — Seu nome é Lazlo Enyedi.

Ele pronuncia as palavras sem emitir som. — Qual é a origem disso?

— Eu acho... — Olho para a tinta que parece cobrir cada centímetro do seu corpo. Tatuagens são adotadas por caçadores desde muito antes de se tornarem populares, mas a arte de Lazlo sempre o diferenciou de seus semelhantes — e sempre me fascinou. É feita de runas antigas e angulares que me lembram a escrita turca antiga. Desenhos distintamente dos Cárpatos. Cores e motivos que remetem ao folclore do Leste Europeu. — Hungria, eu acho.

— Eu sou húngaro?

É mesmo? Não nos apresentamos exatamente enquanto tomávamos café com leite. A única razão pela qual sei o nome dele é que ele foi transformado em um caçador especificamente para eliminar minha linhagem. Muitos séculos atrás, quando visitei Atenas e me deparei com outra vampira originada pelo meu próprio criador, ela compartilhou algumas informações comigo antes de seguir seu alegre caminho. Isso foi quando a Grécia ainda fazia parte do Império Otomano. — Não sei bem de onde você é. Entende o que estou dizendo? — pergunto em húngaro. Minha gramática deve estar ultrapassada, porque não passo muito tempo na região desde que a mandíbula dos Habsburgos estava na moda, mas Lazlo responde fluentemente e sem nenhum sotaque. — Acho que

sim — digo. — Mas acho que você mora no exterior há algum tempo.

— Você acha? — Seus olhos, quase castanhos no corredor escuro, se estreitaram. — Nós não nos conhecemos?

Por que estou me submetendo a isso? Ah, certo. Ele salvou minha vida. Estou preso. Esse tipo de merda. — Somos sócios — digo, satisfeito por soar muito melhor do que os inimigos mortais mais sinceros, mas apenas profissionalmente.

— Parceiros de negócios — ele repete, cético.

— Sim. Por causa do nosso trabalho.

Ele olha fixamente, nada impressionado. — E o nosso trabalho é...

— Você sabe. Isso e aquilo. — Dou de ombros, esperando que ele presuma que ganhamos a vida no DoorDash e deixe por isso mesmo. Mas eu deveria ter pensado melhor antes de esperar que um cara que está atrás de mim há mil anos desistisse de qualquer coisa. Ele se afasta da parede e se aproxima, perto o suficiente para que seu calor me inunde em ondas. Talvez caçadores tenham ainda mais poderes do que eu pensava inicialmente, porque quando seu olhar se fixa no meu, não consigo desviar o olhar. — Por que tenho a impressão de que você está mentindo para mim?

Droga. — Porque você bateu a cabeça e suas impressões ficaram confusas?

— Não. — Sua voz é sombria. — Não é isso.

— Sem querer ofender, mas alguém que não sabe se é circuncidado até dar uma olhada dentro da cueca pode ter instintos nada bons quando se trata de...

— Qual é o seu nome? — Ele se aproxima ainda mais.

Eu poderia contar qualquer coisa a ele. Joana d'Arc. Dwayne — The Rock — Johnson. Fiona, do Shrek. Infelizmente, a imortalidade deve ter me deixado chata, porque eu digo: — Meu nome é Ethel. Quando os babacas não insistem em usar meu nome completo antediluviano.

— Ethel. Bonita. — Seu aceno é de satisfação, mas seu tom sugere que ele não se importa em destruir coisas bonitas. Ele se estica para pegar uma

mecha do meu cabelo entre as pontas dos dedos, girando-a para frente e para trás. — Que cor é essa?

Engulo em seco. — Hum... loiro morango?

— Loiro morango — ele repete, e mesmo sem dizer — bonito — novamente, quase consigo ouvir. E então ele continua: — Ethel, desde o instante em que recuperei a consciência, tenho estado muito alerta ao meu redor. Talvez alerta demais, se é que me entende.

— Não tenho certeza se sim.

— Não? Bem, eu sei quantas saídas e dutos de ventilação há no corredor, e eu poderia facilmente desenhar uma planta baixa deste prédio. Tenho contado os carros que passam lá fora, consigo estimar seu peso e idade com precisão decimal, e sinto que tenho pelo menos sete armas estrategicamente posicionadas no meu corpo — enquanto você tem se saído mal ao esconder uma única adaga nas costas. Eu também seria capaz de reconstruir facilmente a série de golpes e posições relativas que levaram a isso... — as costas da mão dele roçam minha bochecha, um toque quase imperceptível que me faz recuar e tremer ao mesmo tempo — ... padrão específico de hematomas na sua pele. Esse é um grau de consciência situacional que não me parece típico de um assistente jurídico, então... qual é o nosso trabalho, Ethel?

Engulo em seco. Eu deveria dar um tapa na mão dele, mas estou paralisada, incapaz de me lembrar da última vez que alguém me tocou voluntariamente sem tentar me machucar.

— Ethel? — ele pergunta, finalmente abaixando o braço. Ele a encara, esperando uma resposta honesta.

Isso eu simplesmente não posso dar a ele.

Seu trabalho — seu único trabalho, a razão pela qual lhe foi concedida a imortalidade, a razão pela qual você foi treinado em todas essas coisas que você acabou de mencionar — é matar criaturas como eu.

Meu trabalho é fugir de você.

Como você provavelmente pode imaginar, isso nos coloca em desacordo,

ainda mais porque você não é do tipo que faz nada pela metade. Aliás, você quer tanto me matar que acabou de impedir outra pessoa para ser você a fazer as honras.

Francamente, admiro seu comprometimento.

Sim. Isso não vai funcionar.

— Sou um criminoso? — pergunta ele, parecendo intrigado com a possibilidade. — É por isso que você está escondendo informações de mim?

— O quê? Não. Não, não é um criminoso. Você é só... — Eu vasculho a mente. — Um babaca.

Ele bufa. — Não poupe os sentimentos dos enfermos.

— Bem, você é um babaca enfermo, então...

— Eu não sou.

— Como é? Eu saberia.

— Por que eu sou um babaca? — Ele está carrancudo agora.

— Várias razões.

— Como?

— Você . . . — É um assassino de vampiros literal. — Porque.

— Você não listou nenhum motivo.

Eu bufo. — Para começar, você usa óculos escuros dentro de casa.

Seu rosto se fecha, mortificado. Chefe da máfia? Sem problemas. Babaca? É preciso traçar um limite. — Sério?

— Não — respondo, sentindo-me um pouco culpada. — Nem sei se você tem óculos de sol. Mas você e eu não nos damos muito bem.

Ele solta uma risada de desdém. — Certo

— Estou falando sério. Somos inimigos.

— Não, não somos.

Franzo a testa. — Por que você não acredita em mim? Nós nos detestamos profundamente.

— Talvez você não goste de mim, porque eu claramente... — Ele para. Balança a cabeça. Declara, como se a verdade existisse apenas para ser moldada

por suas palavras: — Nós não somos inimigos. Eu não quero brigar com você.

— Diz o assassino — murmuro amargamente, e quando seus olhos se arregalam, quero me dar um soco.

— Matador — ele repete, em voz baixa. Aperto a adaga com mais força, esperando... não sei. Que ele se lembre. Que ataque. Definitivamente não que ele pergunte: — Você quer dizer um exterminador? De insetos?

Meus ombros caem de alívio. Ouço-me dizendo: — É. Exatamente.

— E nós somos inimigos... — seu tom é irônico — ...porque, o quê? Você teve um problema com percevejos que eu não consegui resolver?

Eu... Eu sou o percevejo, Lazlo. — É da nossa natureza. Porque eu sou... uma entomologista.

— Um o quê?

Isso está se encaixando surpreendentemente bem. — Você é um exterminador, e eu sou o tipo de cientista que estuda insetos e seus comportamentos. Como você provavelmente pode imaginar, minha existência — minha existência profissional, quero dizer — é incompatível com a sua. Você mata insetos. Eu os mantenho vivos. — Entomologistas realmente odeiam controle de pragas? Provavelmente não. Não importa. — Conflito de interesses.

O ferimento na cabeça deve estar me favorecendo, porque Lazlo pergunta: — É por isso que estamos aqui? Por causa do controle de pragas?

Concordo com entusiasmo. — Você estava em serviço. Tentei te impedir. Nós dois tropeçamos, foi por isso que você caiu e eu tenho... ‘aponto para minha bochecha isso’.

A hesitação em seu rosto revela: Você sabe que tudo isso parece besteira, né? Mas, em vez de me criticar, Lazlo diz: — Claro. Tudo bem. Vamos embora. — Com uma agilidade invejável, ele se levanta. — Um médico saberá como me ajudar a lembrar dessas coisas. — O que você claramente inventou permanece sem ser dito.

— Concordo. Você deveria dar uma olhada no Monte Sinai, mas Lenox é...

— Você vem comigo — ele diz, franzindo a testa novamente. Tão profundamente, que decido lembrá-lo casualmente de que ainda tenho uma adaga com um movimento do pulso.

— Infelizmente, não posso.

— Por que?

O segredo das mentiras é que é preciso se entregar de corpo e alma. Então, não hesito. — Sou alérgica ao sol.

Um piscar lento. — Você é alérgica ao sol.

— Sim. Na verdade, é uma condição bem comum.

— O que acontece se você sair?

— Furúnculos. Pus. — Morte instantânea. — Sabe. Prefiro esperar o pôr do sol para ir embora. Enfim, foi ótimo passar um tempo com você. Boa sorte no hospital, e...

Minha voz se perde no silêncio enquanto Lazlo se abaixa novamente, sentando-se. A ponta da bota dele roça na lateral do meu tênis.

— O hospital é do outro lado — brinco fracamente.

— Não vou deixar você aqui sozinha. — Ele parece e soa como se estivesse igualmente pressionado e determinado.

Um pensamento me ocorre: E se ele estiver fingindo? E se ele souber que estou presa aqui com ele? Que ele pode me torturar e me manter à sua mercê pelas próximas dez horas? E se ele for apenas um ótimo ator, brincando com um rato mentiroso?

Para testar essa teoria, pergunto: — Ei?

Ele arqueia a sobancelha: O quê, agora? Ele deve ter pouca fé na minha capacidade de manter uma conversa interessante.

Pigarreio. — Você já ouviu falar de vampiros?

— Claro que sim.

Meu estômago embrulha e eu agarro a adaga mais uma vez.

Até que ele acrescenta, num tom de quem entende: — Como o Drácula. Carmilla.

— É. Ou Nosferatu. Sabe como é, vampiros.

— Estou familiarizado.

— Certo. Eu estava pensando: você acha que eles realmente existem?

Ele me encara. Me encara. Me encara. E quando tenho certeza de que ele vai acabar comigo, ele diz: — Ethel?

— Sim?

— Eu sei que bati a cabeça. Mas o que aconteceu com a sua? —

Capítulo 4



Prova número trinta e seis de que Lazlo Enyedi não está fingindo toda essa história de amnésia: ele tira um cochilo.

No meio do dia.

A um metro de distância de mim.

Num segundo, estou inventando fatos mirabolantes sobre borboletas rabo-de-andorinha para salvar meu já esfarrapado disfarce de entomologia, e no outro ele está deitado para — descansar um minuto — cobrindo os olhos com o cotovelo e respirando calmamente. Dormindo para se recuperar da concussão — um grande problema para humanos, mas sem importância para caçadores. Seu peito sobe e desce em um ritmo lento, e ele só pode estar me sacaneando.

Nenhum lutador treinado baixa a guarda de forma tão irresponsável com alguém que mal conhece. Caçadores nunca são tão vulneráveis. Só pode ser uma armadilha.

Então decido matá-lo.

Posiciono a lâmina da minha adaga roubada na horizontal e a abaixo até o pomo-de-adão dele, como uma guilhotina. Sou forte o suficiente para cortar os músculos, ossos e tendões, e... Onde está a autopreservação dele? Por que diabos ele não me impede?

Volto sorrateiramente para o meu canto escuro para ficar de mau humor, convencida de que ele está dormindo profundamente. Certo. Então a memória

dele se foi. Mas não deveria haver algum traço de instinto, algum resíduo emocional, um pressentimento de que sou sua inimiga e que ele não deveria confiar em mim?

Lazlo começa a roncar suavemente.

Claramente não.

Eu me inclino para trás e o observo, pensando em sua vida fora da nossa secular brincadeira de esconde-esconde e esfaqueamento. Ele tem família? Uma namorada ou um namorado? Uma polícula? Caçadores são imortais até serem decapitados. Eles são incrivelmente fortes e aprimorados em todos os sentidos imagináveis, claro. No fundo, porém, eles ainda são humanos. Eles anseiam por conexão.

Aposto que ele tem família. Deve ser com eles que ele passa o tempo entre as caçadas. Afinal, não o vejo muito. Geralmente só nos cruzamos uma vez a cada década, mais ou menos. Antes de Berlim, houve aquela turnê do Pink Floyd em 1980, e aquele show do David Bowie nos anos 70, e...

Agora que penso nisso, por gostar tanto de música ao vivo, talvez eu tenha facilitado demais para ele me encontrar.

Mordo o lábio inferior, lembrando-me de 1964. Minha carreira de uma noite como cantora e compositora. Aproveitar uma noite de microfone aberto em um clube underground decadente se qualifica como — trabalhar na indústria musical — ? Deveria. Eu certamente me diverti cantando sobre a contracultura jovem. Ainda mais depois que Lazlo apareceu na plateia.

— Aethelthryth — ele sussurrou no segundo em que o avistei na multidão, seus olhos amarelos brilhando mesmo através da fumaça do cigarro.

Eu me esforcei para lembrar quais armas eu tinha enfiado nas minhas botas go-go e pensei: Vamos lá, Enyedi. Pare de estragar a minha diversão. A próxima música é sobre como eu sou solitária e triste por não transar há pelo menos trezentos anos.

Mas Lazlo não pulou no palco. Também não me atacou com um machado. Ele simplesmente me deixou cantarolar por um tempo, com minhas

rimas banais de fogo/desejo e amor/acima. Pacientemente, ele me encarou com aquele olhar gélido e perturbador enquanto eu cantava algo constrangedor sobre como ninguém entende, eu só quero sentir as mãos dele. Quando minha obra-prima terminou, todos aplaudiram, exceto ele.

Pareceu-me grosseiro. Muito mais grosseiro do que as tentativas de assassinato habituais. Então decidi que ele tinha que pagar por isso.

— Obrigada, obrigada a todos. Essa última música é muito pessoal para mim. Eu a compus para o homem que amo.

A multidão aplaudiu e assobiou. O maxilar de Lazlo endureceu, provavelmente de desgosto com a ideia de vampiros terem sentimentos. Ou se beijando. Ou, pior ainda, transando.

— Não o vejo há... uns dez anos, mais ou menos? E fiquei arrasada quando ele me deixou, o que me inspirou a colocar minhas emoções em alguma música. — Baixei os olhos. Fingi fungar. — Mas, boas notícias, ele voltou para mim.

Mais palmas dispersas e bondosas.

— E ele está aqui esta noite.

A multidão olhou ao redor e começou a murmurar animadamente.

— Então, por favor, junte-se a mim para dar as boas-vindas ao amor da minha vida.

A conversa ficou mais alta.

— Lazlo, obrigado por estar aqui. —

Sorri para ele. As pessoas seguiam a direção do meu olhar, encarando-o descaradamente. Observei seus lábios se abrirem e sua expressão se tornar inexpressiva — o equivalente a um queixo caído para Lazlo. A mão que segurava sua bebida pousou o copo na mesa com um baque forte.

— Oi, querido — ronronei.

O técnico lá atrás devia estar menos chapado do que o normal, porque, vejam só, um holofote se acendeu, iluminando a mesa de Lazlo e o franzido apertado de seus lábios.

Engoli uma risada maníaca. Se o assassino tivesse me forçado a ver o nascer do sol por causa disso, teria valido a pena.

— Você é o único homem para mim, querido — sussurrei no microfone.

Um awww vertiginoso se espalhou pela sala. Os olhos de Lazlo eram mais afiados que agulhas, mas ninguém conseguia perceber. No entanto, teriam notado se ele tivesse decidido enfiar algumas espadas no meu peito. Ele teve que se conter, e não foi divertido?

— Espero que você tenha gostado da música.

Por fim, ele sorriu. Eu podia jurar que vi uma covinha divertida surgindo em sua bochecha, mas ele murmurou algumas palavras para mim.

Eu vou matar você.

Eu ofeguei. — O que foi isso? Lazlo, você acabou de dizer que vai se casar comigo?

Ele só assentiu porque umas sessenta pessoas o encaravam. O mesmo motivo pelo qual soltei meu suspiro mais apaixonado. Quando seus olhos queimaram nos meus, eu os soltei. — Lazlo, sim. Sim. Mil vezes sim.

Os aplausos foram tão altos que ninguém ouviu o baque dos meus saltos enquanto eu corria para os bastidores. E desde que escapei pela janela do banheiro e desapareci no beco mal iluminado, ele nunca me alcançou para fazer toda aquela matança que havia prometido. Mas agora, vendo Lazlo dormir como um bebê, não consigo deixar de me perguntar por que não pensei naquela noite nenhuma vez nos últimos sessenta anos.

E, curiosamente, não consigo deixar de me perguntar se ele alguma vez fez isso.

Capítulo 5



— Gostaria que você me acompanhasse até o hospital — diz Lazlo ao pôr do sol, enquanto saímos para o ar frio de outubro em Manhattan. Ele olha ao redor com uma expressão muito convincente de — sou apenas um turista, novo neste planeta — o rosto erguido em admiração para os arranha-céus. Prova número 237 de amnésia autêntica.

Meu primeiro instinto é concordar. Ansiosamente. Permito-me contemplar a felicidade de deixá-lo no pronto-socorro, onde ele se tornará o problema de outra pessoa. Mas, dada a biologia não tão humana de Lazlo, ser examinado por um médico pode colocá-lo em sérios apuros. Quero me livrar dele e estou pronta para matá-lo em uma situação de — eu ou ele — mas não desejaria ficar presa em algum laboratório subterrâneo e ser usada como cobaia no meu pior inimigo.

Que, coincidentemente, é o que Lazlo é.

— Tem certeza de que quer ir? — pergunto. — Você pode não ter plano de saúde, e os hospitais são muito caros. Sua memória provavelmente vai voltar sozinha agora. Mas eu ainda vou te ajudar. Eu poderia te levar para casa e...

— Onde eu moro?

Merda. — Disso, não tenho certeza.

Ele para no meio do caminho, bem no meio de uma calçada movimentada, forçando as pessoas atrás de nós a desviarem dele. Se fosse

qualquer outra pessoa, os nova-iorquinos o estariam empurrando para o meio do trânsito. Mas Lazlo é alto; coberto de tatuagens marcantes e únicas; ele próprio tem a constituição de um pequeno arranha-céu. Ele não esbanja exatamente simpatia. O máximo que lhe dirigem é um olhar de soslaio.

Enquanto isso, ele fica me olhando como se eu devesse me sentir culpada por não saber onde fica a casa dele.

— Sinceramente, nem tenho certeza se você tem um lugar na cidade — digo, desafiadora. — Eu te disse... inimigos.

— Claro. E o meu trabalho?

— A Guilda?

— É assim que se chama a empresa de controle de pragas? —

— É. Sem pragas para os Guilded é o seu lema. — Concordo com a cabeça. Certamente isso tornará a estranheza que acabei de dizer muito mais convincente. — Pelo que eu sei, eles não têm um QG físico. — O que é verdade.

Ele ergue a sobrancelha. — Vamos ligar para eles, então.

— Não tenho o número deles.

— Tenho certeza de que podemos encontrá-lo online.

Minha risada é artisticamente desdenhosa. — Eles são uma empresa especializada em controle de pragas, Lazlo. Eles não estão na internet.

Ele cruza os braços sobre o peito, claramente pronto para me jogar no meio do trânsito — o que, de alguma forma, parece preferível ao sorriso malicioso que abre logo em seguida. — Certo. Já que você não pode me levar para casa ou para o trabalho...

— Um hotel é o único...

— Aceito sua oferta.

Eu pisco. — Que oferta?

— Para me ajudar. — Seus olhos brilham. — Vá na frente, Ethel. Eu te sigo até sua casa.



— Que pão é esse que parece ser totalmente isento de glúten? — perguntam. — Esta é a quarta loja que afirma vender os melhores bagels de Nova York — e — As duas coisas podem não ter relação, mas notei menos ratos em lugares com mais carrinhos de cachorro-quente — são apenas alguns dos comentários que Lazlo me oferece a caminho de casa. Tenho que dar uma lição equivalente a um marciano jogado na Terra sobre a traição da aglutinação de proteínas, mas não me importo, porque é melhor do que ficar remoendo a insanidade das minhas próprias ações.

Estou levando.

Um caçador de vampiros.

Para minha casa.

Não: estou levando o mais antigo e temido caçador de vampiros que existe para o meu lugar. Apesar de eu mesma ser uma vampira.

Que época para ser morto-vivo.

Pelo menos você ainda tem uma casa, Digo a mim mesmo, esperando uma reviravolta positiva. O Teenage Dirtbag explodiu em chamas quando Lazlo o empurrou para o sol, o que significa que não terei que sair do meu amado apartamento.

O problema da imortalidade é que é quase impossível não acumular uma enorme riqueza geracional. Dinheiro não tem sido um problema para mim desde que o Papa Leão III coroou Carlos Magno como imperador romano, e passei por diversas acomodações e arranjos de moradia ao longo dos anos, incluindo mansões, castelos da Transilvânia, coberturas, casas paroquiais, fazendas, templos, cabanas na floresta onde os mosquitos tentaram beber meu sangue, hotéis-cassino, faróis, bunkers nucleares e mansões com mais chaminés do que

banheiros. O que aprendi é que menos é mais.

Bem, não é verdade. Menos é menos. Mas tudo bem, porque menos é uma coisa boa. Ter uma sala de jogos não aumenta muito meu prazer de existir, então, nas últimas décadas, tenho me inclinado a apartamentos pequenos e aconchegantes.

Ainda menor e mais aconchegante agora que Lazlo está lá dentro.

— Eu moro sozinha — eu digo.

Ele assente distraidamente, inclinando-se para a frente para observar de perto a samambaia que venho arrastando de casa em casa nos últimos noventa anos. — Eu sei.

— Você sabe? Como?

— Hmm? — Ele olha para minha pilha de revistas de sudoku desgastadas e depois se vira para mim.

— Como você sabia que eu não tenho dois cônjuges e três pares de quintuplos?

— Eu simplesmente faço, Ethel. Assim como eu sei ... — sua boca se contrai — ... outras coisas. — Seu sorriso desaparece quando ele vê o próprio rosto no espelho. Ele o encara, talvez chocado com a própria beleza — porque, infelizmente, ela é boa. E ele é bonito. Grosseiramente bonito, apesar das linhas quebradas do nariz, das cicatrizes que marcam a pele e do rosto não totalmente simétrico, como se tivesse sido pintado por um artista seguro o suficiente para quebrar as regras básicas da anatomia.

— Você não se lembra? — pergunto. — Quero dizer, como você era. Você parece perturbado.

Ele se vira para mim e pisca, confuso. — Não pelo meu rosto. Só pelos meus olhos.

— Ah. Bom, essa expressão ali, o olhar furioso? É de longe a sua favorita. A única, diriam alguns. — Ele me faz uma cara particularmente maldosa, e eu não consigo conter o riso.

— A cor, eu quis dizer. Achei que seriam... Não sei. — Ele parece mais

hesitante do que eu já o ouvi antes, e estou tentada a dizer a ele que sei o porquê: todos os caçadores têm olhos amarelos. É um subproduto do que eles passam para se tornarem o que são, o que, ouvi dizer, inclui anos de treinamento por professores que não são particularmente carinhosos, e um rito final que muitas vezes termina em massacre. Âmbar é a marca de um caçador imortal completo, cuja missão eterna é destruir linhagens de vampiros. Outra coisa que ouvi: a Guilda Hällsing tem lutado para recrutar novos membros, porque se tornar imortal não parece mais um privilégio, especialmente se dado em troca de passar várias vidas perseguindo criaturas que provavelmente enfiarão seu pé esquerdo no seu cu antes de arrancar sua cabeça.

Tento não pensar muito nisso: que caçadores, assim como vampiros, já foram humanos. Nós dois tivemos que nos adaptar a nos tornar algo novo, à ideia do infinito, e isso não é tarefa fácil. Talvez a autoimagem de Lazlo esteja ligada à sua aparência antes de se tornar um caçador, e seu pequeno cérebro ainda esteja se recuperando disso. Mas isso vai acontecer a qualquer momento, e quando acontecer, ele precisa ir embora. Ele pode passar a noite aqui, claro, mas amanhã eu o expulso e...

— Ethel? — ele pergunta como se estivesse dizendo meu nome há algum tempo.

— Desculpe, o que foi isso?

— Posso tomar um banho?

É mesmo? Quem sabe que tipo de tatuagens ele encontrará sob aquela camisa e calça jeans. Talvez seja na parte interna da coxa que ele registra todos os vampiros que matou. Tatuada no peito, ele poderia ter uma representação foto realista de si mesmo jogando alguém que se parece assustadoramente comigo no sol.

Acho que vou ter que correr esse risco. — Claro. As toalhas estão no banheiro. — Ele se dirige para onde estou apontando, e a largura dos seus ombros me faz pensar em algo. — Você está com fome?

Ele para. Acena com a cabeça.

Merda. — Ótimo. Isso é simplesmente ótimo.

— É ótimo que eu esteja com fome?

— Só no sentido de que eu também estou com fome. Muita fome. Vou até a loja comprar alguma coisa. — Saio correndo pela porta como se estivesse sendo incendiada e sigo para o Duane Reade lá embaixo.

Claro que não estou com fome. Porque vampiros não comem. Nossos corpos rejeitam comida de uma forma espetacularmente cinematográfica que se encaixaria perfeitamente em um filme de terror clássico. Isso vale para qualquer item sólido ou líquido que não seja sangue humano — não importa o quão perto eles se aproximem. Certa vez, tomei um gole de um bonobo e vomitei intermitentemente pelos seis meses seguintes. Nossa espécie tem um caso claro de barriga de mulher gostosa, e sou grato ao século XXI por nos dar um diagnóstico final.

No convento, porém, eu sabia cozinhar. Muito bem, segundo a Irmã Wihtburh, embora a abadessa sempre encontrasse um motivo para reclamar publicamente das minhas refeições. Salgar demais não a aproximará da divindade, Irmã Aethelthryth. Se você está tentando esconder seus pecados atrás de uma cortina de alecrim, quase conseguiu. Infelizmente, minhas últimas tarefas na despensa e na copa foram há tantos séculos que nem sei se me lembro de como ferver água.

O que é um problema, já que tudo o que consigo pensar em comprar são várias caixas de macarrão com queijo. Coloco uma camiseta limpa e um par de moletons na cesta — os maiores tamanhos que consigo encontrar, mas que, por algum motivo, dificilmente servirão no Lazlo. Corro de volta para o meu apartamento e entro no momento em que ele sai do banheiro.

Nu.

Capítulo 6



Acho que Lazlo está usando uma toalha em volta dos quadris.

Mas espiritualmente, culturalmente, metafisicamente, ele se sente nu. E sim, ele tem tinta por todo o corpo, mas parece menos focada em narrar os crimes de Vlad, o Empalador, e mais em comemorar... sua infância, talvez? Família? Na maior parte, é a mesma escrita húngara antiga que está em seu pescoço e braços, mas também vejo flores que só vi na Europa Oriental, um castelo, um brasão. Em seu peito, bem em cima do coração, há uma máscara veneziana ornamentada que me parece estranhamente familiar, mas não consigo identificá-la.

— Por que você está prendendo a respiração? — ele pergunta depois de um longo tempo me encarando, porque eu estava um pouco imóvel demais. Vampiros precisam de ar, mas, dada a lentidão do nosso metabolismo, não tanto quanto os humanos. Eu poderia inspirar um dia, expirar no outro, e ainda estar em plena forma.

E, no entanto, de repente, fiquei sem fôlego. — Desculpe, eu só estava... admirando.

Sua sobrancelha se ergue.

— A obra de arte — apresso-me a acrescentar.

— Claro. Certo. Porque é a primeira vez que você vê.

— É, claro que sim. — Por que ele está sorrindo como se estivéssemos

contando uma piada interna? — Quando eu teria visto?

Ele me encara como se estivesse me desafiando, depois cruza os braços numa bela ondulação de músculos e tinta colorida. — Este lugar me parece familiar. Mas tenho certeza de que você vai me dizer que nunca estive no seu apartamento.

Se tivesse feito isso, eu estaria morto. — Talvez você tenha feito algum serviço de controle de pragas para o inquilino anterior?

— Devo ter feito um péssimo trabalho, considerando tudo.

— Considerando o quê?

Ele aponta para um ponto acima da minha cabeça. Quando me viro, vejo uma gigante...

— Aranha! — grito, correndo para me esconder atrás de Lazlo. É grande, listrada de amarelo enojenta, e, meu Deus, eu sempre odiei artrópodes.

— Interessante — reflete Lazlo.

Eu choramingo, — O quê?

— Uma entomologista com medo de aranhas. — Ele se vira para mim. — Que estranho.

Merda. Merda. Eu me endireito e me recomponho. — É uma suposição muito grosseira — digo com altivez, — que só porque estudo insetos, eu tenha que gostar de todos os tipos de...

— Tenho muitas cicatrizes — ele interrompe, em tom de conversa. — Pelo corpo todo.

— . . . OK.

— Algumas são grandes. — Ele aponta para uma linha grossa e nodosa que corta o meio do seu abdômen. — Como será que eu peguei essa? Deve ter sido bem funda.

A menos que eu esteja enganada, dei a ele em Bath, durante os anos 1800. Eu estava me divertindo muito escolhendo fitas para meu chapéu quando ele chegou à cidade e me forçou a me mudar para a França, onde Napoleão ainda estava perseguindo seus sonhos militares.

Pigarreio. — Controle de pragas é uma profissão perigosa.

— Deve ser — ele diz, querendo dizer: Não, não é.

— Dói?

Não. Mas já que você perguntou, tem algo incomodando minha costela esquerda. Pode verificar?

De jeito nenhum, porra. Pretendo dizer. Mas, assim como todos os outros — nãos — que eu deveria ter dito hoje, a resposta continua presa na minha garganta, e de alguma forma estou deslizando meus dedos por seu flanco, por cima dele.

Por uma fração de segundo, nós dois congelamos, e eu não sou a única que não está respirando. A sala cai em um silêncio anormal. Lazlo me olha com aquela expressão inquisitiva e ligeiramente acusadora que parece roer o revestimento do meu estômago, e eu tento retribuir o olhar sem parecer muito arregalada e culpada, mas há algo ali. Algo que salta de mim para ele, que flui dele para mim. Uma corrente, um calor, um momento de confusão e dilúvio que obstrui meus sentidos, e...

Você simplesmente não está acostumada a ser tocada, digo a mim mesma.

Sim. É isso. Deve ter passado alguns anos desde a última vez. Gosto de escolher pessoas muito ruins como refeição, então limito meu contato físico com elas, enquanto Lazlo... Ele não é comida. Ele é uma pessoa, um imortal como eu, surpreendentemente sólido em um mundo onde tudo passa, desaparecendo rápido demais.

É desorientador, só isso.

— Por que suas mãos estão tão frias? — ele pergunta, com a voz curta e rouca.

— Má circulação — murmuro, apressando-me para dobrar o pescoço e procurar o ferimento que ele mencionou. — Deficiência de vitaminas. Fica frio lá fora à noite.

— Você acabou de me dar três desculpas diferentes.

— Eu dei três razões, todas válidas, então sai da minha... Merda. Tem um

caco de vidro preso entre suas duas costelas inferiores. Acho que você deve ter se curado em volta dele.

— Você pode tirar isso?

— Eu teria que abrir um pouquinho. Você sangraria de novo.

— Isso é bom.

Não está nada bem. Mas eu faço, pegando um dos trinta canivetes escondidos em volta da minha casa e fazendo um pequeno corte sobre o que já estava cicatrizado.

Não sou uma jovem imatura. Minha sede de sangue está saciada há muito tempo, e consigo controlar meus impulsos mesmo quando estou ferida, machucada ou à beira da fome. O cheiro de Lazlo não me faz perder a cabeça, porque sou melhor do que isso.

Mas Deus, é doce.

Sempre foi. Cada vez que lutávamos, cada lâmina que eu cravava em sua carne, cada perseguição alucinante, o fascínio do seu sangue estava lá, chamando. Já feri e matei muitos assassinos antes dele, e todos me causaram repulsa, mas Lazlo... Não faço ideia de pôr que seu sangue específico é tão irresistível, de dar água na boca, mas agora que a tala de vidro foi retirada, eu provavelmente deveria dar um passo para trás.

Sim.

Eu vou.

A qualquer momento.

— Novíssimo — digo, sem encará-lo. Minha voz treme. A ferida já está fechando, e corro para a pia para lavar as gotas de sangue dele das minhas mãos, mas, assim que a torneira é aberta, não consigo parar de encarar a água corrente como se fosse minha inimiga, porque seria um desperdício abrir mão deste precioso...

É uma ideia realmente terrível, mas meu polegar e meu indicador já estão dentro da minha boca, lambidos e limpos, antes mesmo que eu perceba. O gosto do sangue, mesmo que sejam apenas algumas gotas, desperta meu corpo lento e

adormecido de uma forma que galões de plasma jamais conseguiriam. O calor floresce e dispara através das minhas terminações nervosas. Sinto a coceira reveladora das minhas presas pressionando o céu da boca, alongando-se, e tenho que agarrar a borda da pia com tanta força que nunca mais vou receber meu depósito de segurança de volta.

Então Lazlo para ao meu lado. — Já me sinto melhor — diz ele. — Obrigado.

Antes de me virar, imploro para que minhas presas recuem. Prometo a eles muitos pescoços firmes para morder, muito em breve, se se comportarem. — De nada. — Respiro fundo para me fortalecer e então o encaro. — Vou fazer comida agora. Espero que o macarrão com queijo esteja bom. Também trouxe roupas extras para você, estão naquele saco de papel ali.

— Você está esquentando — ele murmura. Não sugestivamente. Uma observação, seguida pelas costas da mão acariciando minha bochecha. Como se quisesse sondar um rubor portentoso com os nós dos dedos.

Engulo em seco. — É.

— Ótimo. — Sua mão hesita. Quando finalmente a deixa cair ao lado do corpo, sua boca se curva para baixo, como se estivesse descontente por não estar mais me tocando. — Seu corpo encontrou um pouco de B12.

— Acho que sim. — Tento dar o meu sorriso mais triunfante e começo a andar pela cozinha, soltando um suspiro de alívio quando ele sai para se vestir. O apartamento veio mobiliado, e é a única razão pela qual tenho utensílios de cozinha. Infelizmente, quando Lazlo volta com suas roupas novas e irritantemente elegantes, o fogão parece ter acabado de receber uma rave.

— Tenho certeza de que você é boa em outras coisas, Ethel — diz ele com um tom de ternura. Ele luta para controlar a panela com tanta facilidade que ainda me pergunto o que aconteceu dez minutos depois, quando nos sentamos à mesa com pratos fumegantes à nossa frente.

Não tem a mínima chance de a minha espécie e a dele já terem feito isso antes. Dividindo uma refeição, claro. Conversando educadamente. Nem que seja

só para não se matarem. Eu queria ter um grupo de bate-papo para compartilhar esse acontecimento fantástico. Até um amigo solteiro já serviria. Talvez eu devesse gritar da janela e torcer para os guaxinins ouvirem.

— Então — ele pergunta enquanto devora a comida, — onde nos conhecemos?

— Eu e você?

Ele concorda.

Brinco com algumas conchas presas umas nas outras. — Bem, nós... Eu sou um pouco mais velha que você.

— Quanto?

— Não tenho certeza. — Lazlo apareceu durante meu terceiro século e foi relativamente fácil de dominar em nossos primeiros encontros, o que atribuí ao fato de ele não ter desenvolvido totalmente sua força de matador.

Como sinto falta daqueles dias.

— Você estava apenas fazendo seu trabalho — acrescento.

— Aqui em Nova York?

Não, porque naquela época eu não sabia da existência deste continente não é a melhor resposta. Eu morava em Córdoba naquela época, porque era uma das maiores cidades do mundo, e tentava desesperadamente passar despercebida. Naquela época, eu era praticamente uma vampira adolescente, ainda me descobrindo. Eu ainda tinha um apreço pela vida humana, estava a anos de desconstruir as noções cristãs de bem e mal que a abadessa havia inculcado e, depois de cada refeição, passava várias semanas de arrependimento em orações febris por perdão. Eu odiava matar pessoas tanto que recorria a me esgueirar por lugares onde humanos saudáveis poderiam cair quase mortos a qualquer segundo, na esperança de encontrar uma refeição sem culpa. Torneios de justas, na maior parte.

Patético, eu sei.

— No subúrbio — minto. — Você estava com seu... chefe. — Ou mentor. Ou algo assim. Um matador mais velho cujo nome nunca soube. — Ele

pediu demissão logo depois. — Eu o matei. Mas ele merecia.

— Éramos inimigos desde o começo? — É óbvio que a pergunta é para me zoar, e é óbvio que ele quer que eu perceba. Então finjo que não.

— Basicamente.

Na verdade, lembro-me dos seus olhos fixos em mim do outro lado da praça, constantes, sem nunca me deixar. Pensei — estupidamente, equivocadamente, decepcionantemente — que talvez aquele jovem bonito estivesse atraído por mim. Em menos de dois minutos, não só inventei uma história de fundo para nós (ele me viu no mercado e se apaixonou, apesar da minha riqueza e beleza intimidantes), mas também um futuro (eu o tranquilizaria dizendo que a sua falta de riqueza não me importava; conversaríamos por horas e nos apaixonaríamos profundamente; eu confessaria a minha natureza vampírica e, após um breve período de horror, ele perceberia que nem mesmo o meu caráter monstruoso poderia atrapalhar o nosso amor; então, o para sempre começaria). Como eu disse, eu era praticamente uma adolescente. Ainda assim, este era um sonho atipicamente irrealizável, mesmo para mim.

Mas quando Lazlo veio atrás de mim brandindo uma de suas armas favoritas, duas lâminas de foice amarradas com uma corrente de metal, eu me dei conta rapidamente.

— Foi unilateral — ele me conta depois de terminar de mastigar. — De você.

— O que?

— A antipatia.

— Eu lhe asseguro que não foi.

— E garanto que, quando olho para você, sinto tudo menos isso. — Uma pausa. — Por que você não está comendo?

— Ah. Hum, eu estava com tanta fome que devorei uma barra de chocolate no caixa — repito. É a única desculpa que consigo inventar, e ele não acredita, mas aceita meu prato quando o empurro em sua direção.

O doce calor do seu sangue ainda corre pelo meu corpo.

— Por que você se tornou uma entomologista?

Cristo. Não me lembro da última vez que alguém me fez tantas perguntas.

— Não foi nada planejado.

— Como você se torna algo sem planejar?

Bem, Lazlo, às vezes uma gangue de bandidos decide roubar seu convento — por que não? — e você vê o que está acontecendo com suas irmãs e decide que prefere se jogar da janela do que permitir que os invasores cheguem mais perto de você — por que não? — e um vampiro que passa por perto o vê em seus últimos momentos e decide sugá-lo até a morte — por que não? — e então você acorda no meio da noite e, por algum motivo, você também é uma maldita vampira.

— Não foi minha decisão — digo a ele. Também não foi decisão do meu criador. Nem os vampiros sabem ao certo por que algumas pessoas se transformam e outras não. Há condições necessárias — a pessoa precisa estar à beira da morte, mas forte o suficiente para sustentar a transformação, e um pouco do sangue do vampiro precisa ser ingerido por ela, mas não é tão simples assim. Muitos tentaram e falharam. Muitos não pretendiam acolher novas almas na noite, mas... aqui estou eu.

— Mas você gosta disso.

Eu não deveria. Pelo menos, esse é o estereótipo, certo? Imortais supostamente são taciturnos e cheios de arrependimentos, sempre a um triz de pisar no sol e acabar logo com tudo. Mas mal me livre, falta de sentido, dor e sofrimento... Não são realmente a minha praia. Me considero sortuda, porque não sou propensa ao tédio. Pode parecer bobagem, mas nunca me canso de ver as árvores mudarem, de ver garotas andando de mãos dadas rindo de uma mensagem de um crush, de encontrar um bom poema.

Imortalidade pode significar pensamentos profundos, ponderações filosóficas e a busca incessante por conhecimento, claro, mas para mim sempre foi o oposto. Achei tão fácil mergulhar na rotina. A monotonia. Olhar pela janela com a mente vazia. Uma palavra cruzada, uma caminhada na chuva, um livro

bem escrito. Flores desabrochando.

Talvez a abadessa tivesse razão, e eu romantizo demais coisas insignificantes — embora, se bem me lembro, a maneira como ela disse tenha sido mais como: A vida não é um conto de cavaleiros pintado de cores vibrantes, Irmã Aethelthryth. Pare de perder tempo com fantasias e loucuras e vá limpar a privada, criança. Mesmo assim, aprendi a viver o momento e a ser feliz, mesmo sozinha. Aprendi a valorizar as pequenas alegrias, como tornar a vida dos outros melhor estendendo a mão ou sorrindo, batendo papo, rindo de trocadilhos ruins.

Às vezes me sinto sozinha. Às vezes quero mais — seja lá o que isso signifique. Nem tudo é ideal. Mas sou capaz de encontrar meu próprio significado.

— Sim — respondo com firmeza. — Não escolhi, mas gosto.

— Eu sinto o mesmo — diz Lazlo depois de um momento pensativo.

Minha coluna se endireita. — Você se lembrou de alguma coisa?

Não. Mas o que você disse sobre se tornar algo sem querer, e ainda assim tentar tirar o melhor proveito disso... Faz sentido. Em um nível visceral.

— Oh.

Terminamos de comer em silêncio — e por — nós — quero dizer que ele enfia a comida na boca com eficiência, enquanto eu brinco com as bordas gastas do jogo americano que encontrei nas gavetas. Depois, ele se levanta e vai até a pia lavar a louça como se fosse um reflexo, uma simples cortesia após uma refeição. Não consigo deixar de me perguntar quem lhe ensinou isso.

Talvez ele seja casado. Talvez durante o Reinado do Terror, enquanto eu circulava pelas guilhotinas caindo aos pedaços para conseguir uma boa bebida de pessoas que teriam morrido de qualquer maneira (odeio desperdiçar comida), Lazlo estivesse se casando na praia com uma colega. Talvez sua parceira esteja morrendo de preocupação com ele, se revirando na cama que costumam dividir, porque ele não voltou para casa e...

Meus pensamentos param e minha cabeça explode em pânico.

— Você está bem? — ele pergunta, ainda secando os pratos que usamos,

como se tivesse ouvido meu cérebro inteiro explodir.

— É — eu digo. Mas não, não estou bem. Porque acabei de me lembrar de algo muito importante.

Não há camas neste apartamento.

Capítulo 7



Vampiros não dormem.

Faz parte de toda essa coisa da maldição — sem descanso, sem sossego, sem trégua para nossas más ações. Estamos condenados a uma eternidade olhando para paredes vazias e refletindo sobre o que fizemos, tudo na esperança de expiar nossa própria existência. As possibilidades de autoflagelação são infinitas.

Mas a minha opinião mais clara é que não fiz nada de errado, pelo menos não desde que comecei a seguir uma dieta estritamente babaca. Então, educadamente, me desculpei da festa da autopiedade e reutilizei esse tempo para jogar sudoku.

Embora meu apartamento tenha um quarto — lotado principalmente de roupas, livros e equipamentos que acumulei ao longo dos anos, começando e quase imediatamente abandonando todos os tipos de artesanato — ele não tem cama.

O que, agora percebo, é apenas um pouco menos suspeito do que colocar um caixão no meu espaço de convivência.

— Você é um cavalo — diz Lazlo. Ele observa a sala atrás de mim, de braços cruzados.

— Como você se lembra que os cavalos dormem em pé, mas não sabe o que é glúten?

— Talvez o glúten seja outro dos meus inimigos. — Ele lança um olhar cético para a minha pilha de kits de pulseiras da amizade e volta para a sala. — Você dorme no sofá — diz ele em seu tom pragmático e objetivo de sempre.

Não perguntando, mas informando.

Decido pegar carona nisso. — Claro. Mas tudo bem, você pode ficar com ele. Acho que tenho um colchão de ar... — curiosidade: sei que não tenho — então posso... .

— Não.

Paro, momentaneamente sem palavras. — Não?

— Nós dois dormimos no sofá — ele declara. — Juntos.

— Não podemos dormir juntos.

— Existem leis contra isso?

— Não.

— Então dormimos juntos.

Maldito homem. — Não, não temos. E se você tiver uma família? Como seu parceiro se sentiria em relação a isso? Como seus filhos reagiriam se o papai dividisse um sofá com...

— Não sou casado. — Seu tom é firme. — E não tenho filhos. Algumas coisas, um homem simplesmente sabe sobre si mesmo.

Levanto uma sobrancelha. — Sério?

— Sério. — Ele se vira e começa a tirar as almofadas do sofá para deixá-lo mais espaçoso.

— Por curiosidade — pergunto, irritada — o que mais 'um homem simplesmente sabe sobre si mesmo' apesar de um caso grave de amnésia global de início súbito? A data da sua última colonoscopia? A melhor marca de quebra-cabeça? Como construir um rádio amador... Que diabos você está...

Ele está, claramente, agarrando meu pulso e me puxando em direção ao sofá. Isso deveria desencadear meu reflexo de luta e me fazer dar uma cabeçada em seu nariz, mas por algum motivo não acontece. Um momento depois, estou na horizontal com ele, espremida entre o comprimento de seu corpo e o encosto

do sofá.

— Ah — ouço-me dizer.

Só isso: Ah.

A resposta de Lazlo é um grunhido vago, seguido por um aperto mais forte. Consigo sentir cada músculo dele me pressionando, e deveria ser uma experiência nova e desestabilizadora, mas parece perturbadoramente familiar.

Afinal, ele e eu já fomos tão próximos antes.

Nas inúmeras ocasiões em que ele tentou me matar.

— Eu não acho que isso seja...

— Silêncio — ele diz suavemente. Ele está tão quente quanto o núcleo do sol. Eu devo estar o oposto, porque ele murmura algo sobre meus membros gelados e como meu pobre corpo deve ter perdido todas as suas vitaminas, e o que podemos fazer para encontrá-las novamente?

Se você soubesse, Penso sombriamente, tentando me libertar sem muita convicção. A verdade é que isso é muito prazeroso. Estar cercada. Pressionada. Agasalhada. É evolutivo: minha espécie foi programada para desfrutar de espaços minúsculos e sufocantes onde o sol não alcança. E, cara, esse caçador específico proporciona...

É aconchegante. E aconchegante é agradável. E agradável — as pequenas coisas que trazem alegria — é algo que aprendemos a valorizar quando nos aproximamos de um milênio e meio de vida.

E ainda assim... — Ao fazer isso, você provavelmente está destruindo seu casamento de décadas — murmuro contra o travesseiro pesado dos seus bíceps. — Só espero que você tenha pés bonitos.

— Por que?

— Você vai ter que vender muitas fotos deles para pagar um advogado de divórcio. — Ele cantarola, paciente, claramente confiante sobre o estado dos seus dedos. — Sério, Lazlo, isso é uma péssima ideia.

— Pare de se mexer, estou cochilando.

— Você não dormiu o dia todo? — murmuro, talvez com mais aspereza

do que ele merece, considerando sua recente concussão. Talvez tarde demais, mas me ocorre que eu deveria fingir respirar. — Escute, já que nenhum de nós sabe se você está em um relacionamento, eu acho que...

Um suspiro impaciente me interrompe, e ele me aperta ainda mais contra as almofadas, o que o pressiona tão perto de mim que... Meu Deus. É uma aposta no bolso dele, ou ele está apenas feliz em me ver?

— Ethel, pare com isso.

— Parar o quê? Eu só estou...

— Os insetos, o trabalho, os inimigos. Você não precisa me dizer a verdade, mas pode parar de fingir.

— Fingindo o quê?

Seu peito arfa. — Posso não me lembrar do meu nome, ou de qualquer coisa sobre quem eu sou. Mas eu nunca poderia estar perto de você e não saber exatamente o que você significa para mim. — Um segundo depois, ele adormece, deixando-me olhando para o padrão chevron do sofá por oito horas seguidas enquanto tento não aproveitar o calor do seu corpo contra o meu, desesperada para decifrar exatamente o que suas últimas palavras significaram.

Capítulo 8



Na manhã seguinte, percebo que, para meu grande choque, Lazlo precisará ser alimentado mais uma vez. E em cinco horas — talvez até menos, considerando seu tamanho — estaremos aqui novamente. Porque sua espécie precisa de comida várias vezes ao dia.

Absurdo.

Cerca de meia hora antes do nascer do sol, me desvencilho dele e vou até a mercearia da esquina. Compro ovos, bacon, legumes, macarrão, frutas e uma coisa chamada Pop-Tarts, que deve ter sido inventada enquanto eu piscava. Volto para casa, perplexa com o fato de a sociedade humana ter conseguido evoluir além do estágio de caçadores-coletores, considerando a quantidade absurda de tempo que dedicam à alimentação.

Enquanto isso, acho que, com um tapinha nas costas satisfeito, bebi pela última vez há duas semanas — um cara que trabalhava como intermediário para o conselho executivo da Nestlé — e, salvo circunstâncias imprevistas, não precisarei de mais três ou quatro doses.

Embora, algo dentro de mim pergunte, um gole de Lazlo não seria bom? Delicioso. Encorpado, rico e diferente de tudo que você já provou. Ficaria pesado na sua barriga, energizaria suas terminações nervosas, e você finalmente se sentiria tão aquecido que...

Dou um tapa mental na voz idiota dentro da minha cabeça, grata pela

distração quando alguém pergunta: — Doces ou travessuras?

Olho para baixo, e para baixo, até encontrar uma garotinha adorável me encarando. Ela está usando uma capa preta e presas de plástico, um branco perolado contrastando com sua pele escura. Alguém desenhou um fio de sangue brilhante e incrivelmente realista no canto da boca dela. Ao lado dela, um menino loiro segura algo que lembra muito uma estaca de madeira.

— Sinto muito — diz uma das mulheres adultas atrás deles. — Ei, vocês dois. Estamos indo para a escola. E pedir doces não é para o meio de uma rua movimentada...

— Não me importo — digo com um sorriso, agachando-me até a altura das crianças. — Gostei das suas fantasias — digo a elas.

— Obrigada — diz a garota solenemente. — Vou ser uma vampira quando crescer.

— E eu vou ser um caçador de vampiros — diz o garoto. — E nós vamos nos casar.

Tento não engasgar com a língua. — Boa sorte com isso — murmuro, porque eles definitivamente vão precisar. Tiro a caixa de Pop-Tarts de S'mores com Cobertura da minha sacola de compras reutilizável — Salve as Abelhas — e divido o conteúdo igualmente entre as sacolas deles. A julgar pelo abraço que trocam, os doces devem ser um sucesso.

Desculpe, Lazlo. Mas eles nunca se comprometeram a me atacar e erradicar meu povo, então eles mereciam as vadias que estouram mais do que você.

De volta ao andar de cima, encontro-o acordado, em pé na pequena cozinha. — Você saiu cedo — diz ele, como se fosse totalmente normal me esperar sem camisa e de banho tomado. — Você é uma pessoa matinal.

Ha. — Sim. Claro.

— Você está bem descansado.

— Certo. — Estou começando a achar mais divertido do que irritante o jeito como ele fala coisas sobre mim em vez de fazer perguntas, e isso me

preocupa um pouco. Só um pouco menos do que o fato de ele já ter fechado todas as cortinas blackout, apesar do nascer do sol estar a cinco minutos de distância.

— Como você sabia...

— Você é alérgica ao sol — ele simplesmente diz, como se fosse uma explicação, e então se levanta para pegar a sacola da minha mão e começa a guardar as compras.

Ele está aqui há doze horas e, de alguma forma, temos uma rotina.

Preciso tirá-lo daqui imediatamente.

— Você está com fome? — pergunto enquanto ele alinha caixas de macarrão no armário vazio.

— Muito.

— Vou fazer uns ovos, então. Pode, hum, demorar um pouco. Talvez você possa comer isso enquanto faço? — Jogo uma maçã na direção dele — o que acaba sendo um erro quando, num piscar de olhos, Lazlo pega uma faca do bloco de madeira e a usa para cortar a fruta em quatro pedaços.

Enquanto ainda está no ar.

Os pedaços atingem o chão com baques surdos, e nós os encaramos por um longo período de silêncio.

Então pigarreio. — Eu não sabia que uma maçã havia assassinado sua família.

— Eu... não queria fazer isso. — Ele coça a nuca.

— Certo. Não, eu sei. Você cortou a maçã em quatro pedaços idênticos sem querer.

— Foi um reflexo. — Ele gira a faca nos dedos com uma destreza que me deixaria menos perturbada se eu não soubesse que ele a desenvolveu para me matar, especificamente. — Mas.

— Mas?

Ele embainha a lâmina dentro do bloco de madeira. — Se eu perguntasse por que sou tão bom com uma faca, você me diria que é por causa da minha

experiência em controle de pragas?

Eu me forço a engolir. Há algo dolorosamente pesado em mentir para alguém que sabe que não está sendo informado da verdade, mas... que alternativa eu tenho? — Não consigo imaginar outro motivo.

Desta vez, seu suspiro é quase imperceptível, mas seus lábios estão apertados. — Então não vou perguntar, Ethel.

Ele se agacha para pegar a maçã, e eu começo a trabalhar em seus ovos, me perguntando quando fiquei tão ruim em manipular as pessoas.

— Eu não sabia que aqueles ovos tinham assassinado sua família — ele me diz depois que esmago a terceira casca contra a borda de uma tigela. Da última vez que fiz uma omelete, eu não tinha força vampiresca, e a adaptação está demorando um minuto, mas... — Agora eu entendi, entendi — protesto, mas antes que eu possa resgatar minhas habilidades na cozinha, Lazlo está parado atrás de mim, arrancando delicadamente os ovos dos meus dedos, assumindo o controle. Seus braços me envolvem de cada lado, e seu queixo roça o topo da minha cabeça enquanto ele trabalha com uma graça superficial e experiente que considero igualmente agradável e irritante.

Eu deveria enrijecer e empurrá-lo para longe, mas meu corpo já se acostumou a estar cercado pelo dele. A força. O calor. A sensação de fazer parte de algo. Finjo não notar a forma como seus lábios pressionam minha nuca antes de ele ir até o fogão para preparar uma quantidade de ovos mexidos que poderiam alimentar uma família de cinco pessoas por duas semanas.

— Eu tive um sonho — ele me conta quando nos sentamos à mesa. Para esta refeição, minha desculpa é: Não sou fã de café da manhã. Lazlo não se deu ao trabalho de reagir, como se soubesse que tudo o que sai da minha boca provavelmente é mentira.

— Que tipo de sonho?

— Não sei. Talvez tenha sido uma lembrança. Mas você estava lá.

Meu estômago embrulha. — Você estava me cortando em quatro pedaços com uma faca de cozinha?

— Estávamos dançando.

Eu me abaixo, aliviada. — Dançando... em uma boate?

Ele me lança um olhar fulminante como se soubesse o que é uma boate e não fosse pego nem morto dentro de uma. — Mais formal do que isso. — Ele mastiga mais um pouco. — Gostei do seu vestido. — Um sorriso surge. Transforma-se em algo particular — entre Lazlo e seus próprios pensamentos. — Muito.

— Nunca dançamos juntos, então não acho que tenha sido uma lembrança — digo, sem saber se me sentia envergonhada, aliviada ou lisonjeada. — De qualquer forma, presumo que você esteja ansioso para voltar para sua casa, então...

— Não — ele responde, final, feliz. À vontade.

De qualquer forma, Lazlo, não exagere na sua estadia, Eu acho. Mas não há nada de realmente quente nisso. O que é estúpido. Quanto mais ele ficar por perto, melhor me conhecerá e mais fácil será me rastrear quando ele recuperar a memória.

Cerro os dentes e me jogo no sofá, pegando a primeira revista de sudoku que encontro. Isso não é inofensivo. Assim que ele se lembrar de quem é, terei que me mudar, e...

A almofada afunda enquanto Lazlo se acomoda ao meu lado, ainda meio despido. A tatuagem da máscara sob seu coração se move a cada pequeno movimento, me desafiando a lembrar onde a vi antes. Então ele pega uma das minhas revistas de quebra-cabeça e um lápis e começa a preencher uma grade de sudoku com uma velocidade impressionante.

Pisco. Então pergunto, pateticamente animada: — Você gosta de sudoku?

— O que?

— Essa coisa quadrada que você está fazendo. — Eu me inclino para mais perto. — Eu não pensei que você... — Fecho a boca de repente. Abro-a novamente. — Você acabou de anotar números aleatórios?

— E não vejo o que você gosta nisso.

— Sobre o quê?

— Inventar sequências de números. É entretenimento ruim.

— Não. Não, existe um... Não mesmo. — Passo as duas horas seguintes ensinando um caçador de vampiros, criado para exterminar minha linhagem, a preencher corretamente uma grade de sudoku. Ele não é nada ruim nisso, e detesto admitir.

— Então, é isso que fazemos durante o dia — ele diz depois de um tempo.

— Nós? — Franzo a testa. — Normalmente não passamos os dias juntos. Ele sorri como se eu nem tivesse falado.

— Estou falando sério. Nós raramente... — Eu me distraio, porque ele está segurando uma mecha do meu cabelo entre os dedos e a esfregando delicadamente, observando o fluxo de um tom laranja-claro em sua pele pálida. Sua boca murmura algumas palavras em outra língua — uma que eu falo, mas finjo que não, porque esta não é...

Não deveria...

O que é mesmo...

É casual, o jeito como ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Seu toque é ao mesmo tempo novo e familiar, ardente e gentil. — Loiro morango — ele diz para si mesmo. Então me pergunta: — Nós raramente o quê?

Vampiros não coram. Simplesmente não temos sangue suficiente para isso. Agradeço a quem nos amaldiçoou por essa pequena graça, desvio o olhar e murmuro: — Nada.



O resto do dia é . . .

Eu queria poder dizer que é terrível. Que considero caminhar em direção ao sol só para escapar da presença sufocante de Lazlo. Mas não é bem assim.

É surpreendentemente tranquilo estar perto dele, mesmo quando ele me provoca por segurar uma colher como se fosse um objeto de origem alienígena, mesmo quando eu volto escondida do porão com minhas roupas secas, e ele me observa dobrar minha lingerie com um sorriso que diz: Eu sei para quem você a usa.

À tarde, ele recolhe todas as suas armas e começa a limpá-las.

— Você já...

— Não, não me lembro — diz ele. — Mas sinto uma coceira.

— Uma coceira — repito. Mas observo-o polir e lubrificar, tentando não se assustar a cada som de metal batendo. Pelo que sei, a Guilda Hällsing não microgerencia, e que cada matador tem direito à arma de sua escolha. Ou cinco. Considerando que estacas de prata e madeira atravessadas no coração, ou pratos do Olive Garden particularmente apimentados não têm efeito sobre nós, e que só o sol pode realmente nos matar, matadores inteligentes (para meu desespero constante, Lazlo é um deles) tendem a priorizar ferramentas que nos incapacitem. Bolas de aço nos derrubam e nos prendem, enquanto lâminas podem cortar membros e dificultar a fuga. Como Lazlo já fez as duas coisas comigo, várias vezes, não consigo evitar o susto quando ele pergunta, no meio do processo de afiar:

— O que eu faço, Ethel?

Pisco. Obrigó-me a me acalmar. — Eu te disse, você...

— Ethel. — Ele sustenta meu olhar, ainda afiando a adaga com golpes precisos. — O que eu realmente faço?.

Mordo o lábio inferior. Vou ter que mentir para ele de novo. Quando, exatamente, isso começou a parecer tão abominável? — Você tem razão. Eu não fui sincera. A razão pela qual nos conhecemos é...

Ele olha fixamente, paciente.

— Você é contador, Lazlo. Você faz meus impostos.

Ele suspira. Balança a cabeça, mas sua boca se contrai. — Agora me lembro por que estávamos naquele prédio.

— Você faz?

— Hm. Para revisar suas deduções detalhadas.

— Exatamente.

Ele me olha, divertido. Eu olho para ele praticamente da mesma forma. E quando não aguento mais a tensão, pergunto: — Você, hum, talvez queira jogar cartas?

Ele imediatamente guarda a lâmina, como se compartilhar uma atividade comigo fosse a única coisa que ele sempre desejou, e é...

Legal, mais ou menos. Compartilhado. Agradável. Não é bem o que costumo fazer durante o dia, que é... talvez não solitário, mas definitivamente sozinha.

Isso é diferente. Jogar cartas com o Lazlo. Vê-lo perceber que — nós dois somos claramente pessoas muito competitivas. — Rindo.

Posso criar meu próprio significado. Posso encontrar minha própria alegria. Mas há um tipo diferente de felicidade nessa companhia. Uma sensação de algo chegando. Como a brisa soprando antes de uma tempestade.

É possível que eu seja, como disse a abadessa, apenas uma garota fantasiosa e distraída demais. Mas, pela primeira vez em quase um milênio e meio, esqueço de contar o tempo e não sinto necessidade de correr para fora no exato momento em que o sol se põe.

Capítulo 9



A resposta de Lazlo às hordas de crianças fantasiadas, aos adultos sentados em suas casas distribuindo doces e às abóboras-lanternas lançando uma rica luz dourada por todo o bairro é um aceno simples, imperturbável e direto. Não sei se ele se lembra do que é o Halloween ou se simplesmente pensa que é isso que acontece todas as noites no West Village, mas ele topa, e eu não consigo conter o riso.

— Que dentes afiados vocês têm — ele diz a um grupo de vampirinhos que lhe estendem suas cestas. Em seguida, ele distribui parte do dinheiro que encontrei no bolso de trás da calça jeans antes de lavá-la — todas notas de cem dólares.

Eu digo — Desculpe — para as mães confusas das crianças e rapidamente puxo Lazlo para longe.

Meu povo está, sem surpresa, altamente representado nas escolhas de figurinos deste ano. Olho para Lazlo, imaginando se vê-los está lhe reanimando a memória, mas tudo o que ele diz é: — Estou com fome. — Ele come um cachorro-quente. Depois, uma maçã caramelizada. Em nenhum momento me pergunta se também estou com fome ou se quero uma mordida.

Acho que ele cansou das minhas besteiras. E acho que ele prefere que eu fique quieta a mentir. Então eu fico. Quando um bando de Slimers sensuais tenta se colocar entre nós, ele agarra minha mão para me puxar para mais perto, e não

solta, nem mesmo quando uma cartomante tenta nos vender uma leitura de casal.

— Não somos um casal — explico, enquanto ele proclama, com altivez:
— Sou um homem e faço minha própria fortuna .

O olhar da caixa se volta diretamente para onde seus dedos estão entrelaçados aos meus. — Não importa — diz ela. — Seus destinos já estão entrelaçados.

Faço uma careta e deixo Lazlo me arrastar para a noite, observando a multidão mudar de crianças adoráveis para adultos em fantasias mínimas bebendo misturas alcoólicas questionáveis em copos mal disfarçados.

— Gostei — diz ele quando entramos em um beco estreito e semideserto para evitar a multidão. — Faremos isso com frequência.

— O Halloween é só uma vez por ano — digo, encostando-me na parede. — No próximo, você já terá se lembrado o suficiente de quem você é para passá-lo com... com quem quer que seja que você costuma sair.

Ele me encara, pacientemente divertido, de braços cruzados. Aproxima-se. — Só me conta, Ethel.

— Dizer-lhe...?

— O que somos.

Eu me endireito um pouco. — Somos pessoas. Achei que você soubesse disso.

— O que somos um para o outro — ele esclarece, com um tom de — Vamos lá, Ethel, não seja obtusa — para que eu me ofenda mais.

Mas estou sendo obtusa. E ele está sendo notavelmente tolerante. — Devo redefinir os inimigos do trabalho para você? — pergunto maliciosamente.

O sorriso dele se alarga. — Acho que você também está cansada.

— De quê?

— As mentiras.

Olho para os meus sapatos. Volto a olhar. — Como você tem tanta certeza de que...

— Eu te disse, Ethel. Eu sei o que sinto por você. E sei o que você sente

também.

— E o que seria isso...

Ele se inclina em minha direção devagar o suficiente para que eu possa detê-lo, mas não me importo em pensar nisso — antes que seus lábios toquem os meus, ou depois.

Já beijei e fui beijada por muitas pessoas. Nenhuma, porém, que fosse, fundamentalmente, de nível atômico, como eu. Nenhuma cujo tato, cheiro e corpo eu tivesse aprendido ao longo de séculos, através de batalhas intermináveis e situações difíceis. Nenhuma que fosse parecida com Lazlo.

Acho que esse é o problema. Depois de um tempo nesta Terra, raramente se experimentam novas sensações. Mas nada jamais foi tão bom quanto a perna de Lazlo deslizando entre as minhas e me prendendo à parede. Como o calor de suas mãos envolvendo minhas costas e minha nuca para me transformar nele. Como sua língua deslizando contra a minha sem hesitar.

Não consigo nos fazer parar. Em vez disso, ergo a mão, seguro sua camisa e aprofundo o beijo. Pressiono-me contra seu corpo e ouço o gemido fraco e satisfeito que ele solta. Esfrego meu núcleo contra a carne de sua coxa enquanto sua respiração fica presa dentro do meu ouvido, e ele diz: — Ethel .

Não é meu nome verdadeiro. Não é o que o verdadeiro Lazlo, o Lazlo que se lembra, gosta de usar. E esse, finalmente, é o balde de gelo de que preciso.

Eu o empurro, com as duas mãos apoiadas em suas costelas. Ele cambaleia para trás, respirando rápido, com uma expressão meio encantado, meio indignado.

Merda.

— Não, eu... Não. — Balanço a cabeça. — Isso é errado. Não posso fazer isso com você.

Ele franze a testa. — Você não precisa fazer nada. Eu faço coisas. Para você.

— Você... — Quero enterrar o rosto nas mãos. — Você nem sabe quem eu sou. Você não se lembra de quem você é. Isso é... eu estou basicamente te

enganando, e...

— Eu sei disso. Você é estranha. E um péssima mentirosa, e não sabe guardar segredos. Mas eu não ligo.

— Bem, você deveria se importar. Você não pode consentir em estar com alguém que não foi aberta com você sobre sua identidade, e...

— Não há nada que eu possa descobrir sobre você, ou sobre mim, que me faça querer menos fazer isso. — Seu tom é arrogante e seguro de si, e não admite argumentos.

Eu odeio isso.

Infelizmente, eu conseguia me imaginar amando isso.

Ele se aproxima mais uma vez. — Sei que já fizemos isso antes, Ethel.

— Não. Não, não fizemos. Como é que você...?

— Conheço o seu cheiro. Conheço a sua pele. O seu cabelo. É tudo familiar. Tenho tudo memorizado. E sonho com você... com isso. Tantos sonhos, todos tão diferentes, devemos ter feito isso um milhão de vezes, de um milhão de maneiras diferentes. Diga-me o que você está escondendo de mim, vamos acabar com isso, e depois vamos fazer isso mais um milhão de vezes. — Ele para quando um homem mascarado entra bêbado no nosso beco. — Agora não — ordena ao intruso antes de se virar para mim.

— Na verdade, senhor — digo, estridente, em pânico, ansiosa para encerrar a conversa, — este lugar é todo seu. Meu amigo e eu estávamos nos preparando para seguir caminhos separados.

Lazlo revira os olhos, mas o homem com a máscara de Edward Cullen acena em agradecimento e se aproxima.

E é aí que algo começa a me incomodar. Há uma estranha familiaridade em seu andar. Na graça de seus movimentos. Na velocidade de...

— É você — eu sussurro.

Mal tenho tempo de empurrar Lazlo para longe antes que o vampiro que tentou me matar duas noites atrás me ataque novamente.

Capítulo 10



Talvez eu tenha sido um pouco otimista demais em relação à morte do Vampiro Adolescente Sujo. Nesse sentido, a multidão de Halloween é ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição.

Por um lado, a música alta e a atmosfera festiva são barulhentas o suficiente para abafar os sons da nossa briga, o que garante que ninguém interfira e se despedace acidentalmente. Por outro, significa que estou sozinha. Um problema, pois, apesar da minha primeira impressão dele, o vampiro que tenta me matar é muito, muito forte.

Quando nos encontramos antes, no Central Park, ele devia estar ferido. Ou faminto. Agora ele se recuperou, e seu ataque está se tornando cada vez mais difícil de repelir. Ele me ataca silenciosamente, com precisão, sem a desleixo de duas noites atrás. Ele não é da minha linhagem, mas com um poder como esse, tenho que abandonar minha avaliação de Adolescente Sujo e admitir que ele deve ter pelo menos a minha idade.

Estamos em pé de igualdade.

Eu o apunhalo com minha adaga e tento dominá-lo de uma vez por todas, soltando um grunhido de frustração quando ele me desarma. Um grupo de adolescentes passa pela entrada do beco, olha para o contorno de nossos corpos se debatendo e solta ruídos obscenos e sugestivos. — Vão para a porra do quarto, seus otários!

Pode parecer que estamos nos agarrando, mas eu só quero tirar o vampiro de cima de mim e ir ver como está o Lazlo, que não se levanta desde que o empurrei contra a parede.

Coloco toda a minha força em um empurrão poderoso e consigo jogar o Saco de Lixo Adulto dentro de uma lixeira. Como ele não reaparece imediatamente, levo um segundo para correr até Lazlo e me ajoelhar ao seu lado, afastando os cabelos da sua testa.

Ele está inconsciente, e meu estômago embrulha. Sei que ele não pode morrer, não disso. Mas ele pode esquecer ainda mais. Seu cérebro é claramente suscetível a... qualquer coisa, na verdade, e meu estômago se contrai de preocupação, arrependimento e algo que parece muito com desespero. — Você está bem? — Eu o sacudo, sem sucesso. — Lazlo? Eu...

Uma mão com garras agarra a parte de trás do meu suéter, me puxando para longe. O mundo vira de cabeça para baixo, e um instante depois o vampiro está em cima de mim. — Você está no meu território — ele rosna, lábios e língua mutilados pelos próprios dentes. Seus olhos são brancos como leite por toda parte, com exceção das pupilas.

Eu estava errada. Ele não é um adolescente e não tem a minha idade. Este vampiro é pelo menos um milênio mais velho que eu. Seu poder é instável e impossível de prever. A compreensão me atinge quando ele rasga minha jugular com um rápido golpe de suas presas, fazendo meu sangue jorrar da pele.

A dor me dilacera e eu grito. Meu pescoço lateja como se estivesse pegando fogo.

Ele é um velhote. É por isso que ele me derruba tão facilmente. Tento chutá-lo, mas ele me prende embaixo dele.

— O que diabos há de errado com você? — eu sibilo para ele.

— Você deveria ter ido embora quando teve a chance.

— Foda-se. Eu cheguei aqui primeiro.

Seu sorriso é de dentes de tubarão, como se cada um de seus dentes fosse um canino. — Você também vai ficar aqui por último. — Ele abre mais a boca,

cuspe e sangue se misturando enquanto sua cabeça se inclina para atingir minha veia novamente, e...

Ele rola para longe.

A cabeça dele, claro.

Ele oscila acima do pescoço do vampiro, balança para a frente e depois rola para longe.

O vampiro desaba sobre mim em uma poça de fluidos viscosos. Afasto meu corpo esguio, sentindo o cheiro metálico de sangue que se mistura com a doçura apodrecida do lixo atrás de nós, e então me levanto com dificuldade antes que seus sucos encharquem minhas roupas. — Mas que... — É então que percebo que Lazlo recuperou a consciência. Ele está atrás dos restos do Saco de Sujeira Ancião, com uma adaga na mão. Mas não está olhando para sua obra.

Não: Ele está me encarando.

Obrigada, eu quero dizer. E: Você está bem? E: Ele ainda não morreu. Precisamos expor cada parte dele ao sol.

Mas há uma luz em seus olhos, nova e antiga ao mesmo tempo, que me diz que não preciso explicar nada. Ele já sabe de tudo isso. Matar vampiros é algo natural para ele — primeiro, talvez.

Abro a boca. Então, sem saber o que dizer, fecho-a. De repente, sinto vontade de chorar, e não sei bem por quê.

Até que Lazlo diz: — Aethelthryth .

Meu nome. O que minha mãe me deu. Provavelmente porque estava na moda na época — mais de mil anos atrás.

Só pode significar uma coisa.

É por isso que, sem nenhum aviso, eu avanço sobre Lazlo Enyedi e começo a atacá-lo.

Capítulo 11



Ao longo dos séculos, lutei contra Lazlo mais vezes do que consigo contar. Se há uma coisa da qual tenho certeza é que, quando se trata de força física e habilidades de luta, ele e eu somos iguais.

É por isso que não faz absolutamente nenhum sentido que apenas alguns segundos se passem entre o momento em que começo a correr em sua direção e o momento em que a lâmina da minha adaga toca a tinta enrolada em seu pescoço.

Claro, ele está um pouco machucado. Mas ainda estou sangrando muito onde o vampiro me roeu, o que significa que nós dois estamos em péssimo estado.

E, no entanto, aqui estou eu. Olhando para ele com minha faca em seu pescoço, prendendo seu corpo maior contra a parede sem dificuldade. Tenho, finalmente, a oportunidade de extirpá-lo da minha vida de uma vez por todas.

Seria tão, tão libertador. Poderia levar cinquenta, até cem anos, até que a Guilda encontrasse outra pessoa para caçar minha linhagem. Isso me daria décadas sem me preocupar. Sem ter que me mudar para um novo continente porque meu esconderijo foi descoberto. De paz.

E ainda assim, eu hesito.

Faça isso. Faça isso agora. Ele não é a pessoa que roncou no seu ouvido às duas da manhã. Que fingiu não entender mais as regras do cribbage quando

você começou a bater nele. Ele não é o homem que te beijou. Ele não teria feito nada disso, não se tivesse se lembrado do que você é. Ele te acha nojenta. Ele te odeia. Todo o propósito dele é te eliminar, o que...

Não explica por que seus olhos, de repente, parecem tão suaves. Ou o fato de que, em vez de me empurrar, em vez de revidar com suas próprias armas e sua própria força, ele me toca com ternura. Uma mão se levanta para segurar meu rosto, e ele gentilmente acaricia minha bochecha com o polegar.

— O que você...? — Minha voz treme. Não consigo terminar a pergunta.

— Aethelthryth — diz ele, calmo. Sua voz é a mesma de antes do ataque, mas completamente diferente. Ele é o homem que salvou minha vida dois dias atrás, o homem que me beijou, o homem que limpou a bagunça que fiz na minha cozinha, mas também algo mais. — Se você quiser me matar, não vou impedi-la. Mas primeiro, preciso que você me diga uma coisa.

Sinto-me desorientada. Como se alguém estivesse me girando com os olhos vendados para zombar da maneira como tropeço até cair de joelhos. Deve haver algo que não estou entendendo. Certamente não sei por que o deixei se aproximar ainda mais de mim, seus próprios movimentos fazendo com que minha faca pressionasse sua garganta e rasgasse a pele. O cheiro de seu sangue me penetra, tentadoramente doce. Seus lábios encontram meu ouvido, e ele pergunta: — Para onde você acha que eu vou quando estiver morto?

E então é a minha vez de lembrar.

Capítulo 12



Sua Excelência, Duca Aurelio Corsini, foi, fiel ao seu título, um homem excelente.

Um excêntrico, aliás. Eu o conhecia há aproximadamente cinquenta anos e, portanto, não fiquei nada surpresa que, apenas três meses após sua morte, suas filhas tivessem decidido dar um baile de máscaras em sua homenagem.

Era, sem dúvida, o que ele queria.

O duque e eu nos conhecemos quando ele era criança. Ele viajava pela zona rural de Florença, voltando de uma excursão nos Apeninos, quando ele e seus acompanhantes foram atacados por um grupo de bandidos. Normalmente, eu não teria interferido nos assuntos da aristocracia humana. Mas estava anoitecendo e eu estava com fome. O duque podia não ser meu amigo, mas eu não aprovava essa gangue específica de bandidos. Torturar quase vinte pessoas com um prazer semiorgástico era, em outras palavras, de mau gosto.

Então matei meia dúzia de bandidos, bebi deles até bem depois do momento de saciedade e, quando o último corpo drenado caiu no chão, percebi que nem todos do grupo ducal estavam tão mortos quanto eu pensava.

— Obrigado — disse-me um menino, com a voz surpreendentemente firme. Ele não devia ter mais de sete ou oito anos. Deveria estar gritando pelas colinas da Toscana. Em vez disso, segurou a mão de um cadáver feminino que esfriava rapidamente. — Eles foram muito malvados com a minha ama. Fico

feliz que você tenha sido malvada com eles.

O raciocínio fazia sentido para mim, e eu estava agradavelmente cheia de sangue fresco para entrar em pânico por ter sido descoberta. Na noite de luar, pude ver um brilho de lágrimas desafiadoras nos olhos do garoto, e gostei dele.

Então perguntei: — Você gostaria que eu o acompanhasse de volta para sua casa?

— Por favor, minha senhora.

E foi isso. Quando o deixei em frente aos portões do palácio, ele perguntou se eu poderia voltar. — Por favor — acrescentou, e só por isso prometi que voltaria. Quando ele completou quinze anos, visitei-o, convencida de que ele teria se esquecido completamente de mim. Mas ele se lembrou e me recebeu em sua corte. Nunca me pediu para explicar minhas ações ou minha natureza. Nunca mencionou o que vira ou minha extraordinária e eterna juventude.

E, no entanto, ele sabia que eu não era como ele. Ele me fazia perguntas sobre história e o sentido da vida. Buscava minha companhia e minha conversa. Estendia amizade e proteção sem exigir nada em troca.

Foi revigorante. Ao longo dos séculos, houve um punhado de humanos a quem mostrei minha verdadeira natureza. Infelizmente, diante da realidade da imortalidade, as pessoas ou a consideravam um símbolo do mal ou exigiam um pedaço dela para si. Não o duque, que me conhecia como eu era e não oferecia nada além de aceitação, fazendo-me sentir como se eu fosse algo mais do que uma invenção dos pesadelos das pessoas.

Eu o amava muito e sabia que sentiria falta dele. Portanto, o mínimo que eu podia fazer era colocar uma máscara tradicional de Colombina sobre os olhos, comparecer a algum baile que suas filhas organizavam em sua homenagem e assistir aos presentes se embebedando com vinho enquanto contavam histórias impróprias sobre sua vida.

— Você era um conhecido pessoal do duque? — perguntou uma voz grave, italiana, mas com sotaque. Alguém que tinha viajado de muito longe para

prestar suas homenagens.

Eu estava encostada na parede de pedra do grande salão. Quando me virei, encontrei um homem alto e de costas largas que eu não havia notado antes. Ele usava uma capa preta, um chapéu de três pontas combinando e uma máscara de volto preta e dourada que cobria todo o seu rosto.

Meu primeiro instinto foi inexplicável, mas muito claro: pedir licença e ir embora. Voltar para a pousada onde eu já havia decidido passar o dia. Mas foi só isso — instinto. Durou uma fração de segundo, e então o dominei.

— Eu estava, sim. E você?

Ele assentiu, mas disse: — 'Um amigo de um amigo' talvez seja uma definição melhor. Você devia conhecê-lo melhor do que eu.

Sorri, mesmo com uma pontada de tristeza percorrendo meu peito. — Ele era um homem muito gentil. Uma coisa rara.

— Homens gentis?

— Bondade, em geral.

O conjunto, composto por um alaúde, um cravo e uma viola, começou a tocar uma bela peça lenta, claramente com a intenção de que os convidados dançassem uma sarabanda. Quando o homem me ofereceu a mão, hesitei brevemente, surpresa. Os passos que eu havia aprendido provavelmente já tinham uma ou duas décadas, e era improvável que eu acompanhasse o ritmo dos demais dançarinos.

Por outro lado, o duque ficaria muito divertido com a bagunça que eu iria fazer.

— Por favor — eu disse, sorrindo, e, claro, era óbvio desde o início que eu deveria ter recusado. Mas metade dos presentes estava embriagada, e o homem me guiou pelos degraus até que eu me tornasse um desastre menor, suas mãos seguras me apontando a direção certa. Certa vez, até o senti agarrar minha cintura, me impedindo de esbarrar em uma jovem vestida de Arlequim. Talvez eu devesse ter ficado boquiaberta com sua ousadia, mas não consegui me importar. Quando chegou a vez do casal ao nosso lado subir ao palco, ele

perguntou baixinho: — O duque era seu amante?

Havia alguma impropriedade na pergunta, mas presumi que o homem tivesse exagerado ou que estivesse simplesmente honrando o costume italiano de ser intrometido. De qualquer forma, não me ofendi. Gostei do tom grave e rouco de sua voz, da linha de seus ombros, de suas perguntas discretas. Tanto que me peguei pensando: Quando foi a última vez que tive um amante? Anos. Décadas. E a última vez que pensei em ter um amante?

— Não. Não combinávamos assim. Ele era mais especial do que isso para mim.

— Um amigo não pode ser mais especial que um amante.

Virei-me para olhar para o homem — inutilmente, visto que não conseguia vislumbrar um único centímetro de sua pele, o que tornava impossível decifrar suas intenções. Além disso, eu não conseguia explicar por que o duque era uma presença tão única em minha vida. Mesmo assim, tentei explicar. — Algumas vidas correm invisíveis. Despercebidas pela maioria. E quando surge uma pessoa que enxerga essas vidas como elas são, que reconhece sua realidade, que lembra às pessoas que há valor em diferentes maneiras de existir... Um minuto disso vale mais do que mil noites com um amante. Você não concorda?

Era a nossa vez de dançar novamente, mas quando dei um passo à frente, o homem congelou no lugar. Mesmo quando me virei, levando a mão ao seu antebraço para lembrá-lo da nossa vez, ele permaneceu imóvel. Na órbita sombria da máscara, seus olhos estavam escuros e inescrutáveis. — Está tudo bem? — perguntei.

Mas ele não respondeu. Nem se mexeu. Tudo o que disse foi: — Para onde você acha que ele foi?

— Quem?

— O duque. Onde você acha que ele está agora que morreu?

— Ah. — Mordi a parte interna da bochecha, indecisa. A verdade era que eu não fazia ideia. Alguns poderiam presumir que a imortalidade ofereceria uma visão da vida após a morte, mas esse não era o meu caso. Eu não fazia ideia se

algo existia além do reino atual. Se existisse, duvidava que acolhesse alguém como eu. Amaldiçoei. — Não sei. Mas não estou convencida de que isso importe.

— Você não é?

Balancei a cabeça. — O duque era um homem gentil que conquistou o amor e a gratidão de muitos. Ele viverá para sempre nas memórias daqueles que o seguirem. Lembrarei dele enquanto eu viver, e enquanto eu o carregar no meu coração, ele estará aqui. Conosco.

Sorri para o homem, mas ele não retribuiu o sorriso. E quando me virei novamente, ele desapareceu na noite.

Capítulo 13



Não me surpreende que tenha demorado tanto para fazer a conexão entre o homem no baile e Lazlo.

Sim, a máscara tatuada em seu coração é uma cópia exata da que eu usei. Mas vivi inúmeras vidas, e objetos tendem a desaparecer mais rápido da minha mente do que pessoas ou experiências. Na verdade, raramente pensei em nossa conversa nos jardins de prazer ao longo dos últimos séculos, e certamente nunca além da faísca ocasional deixada para trás por uma conexão perdida. Uma impressão de arrependimento. A sensação de oportunidades perdidas.

Nada de muita importância.

Meu braço cai ao lado do corpo e dou um passo para trás, quase tropeçando no corpo já em regeneração do vampiro. Lazlo apenas olha para mim, limpando o sangue que escorre do corte superficial em seu pescoço. Sua postura é despreocupada, quase relaxada.

Contorno meu próprio ferimento com a palma da mão, sentindo minha pele se recuperar rapidamente. — Por que você estava lá? — pergunto, ainda cambaleando. O desfile está a todo vapor — instrumentos de sopro e gritos, interrompidos por gravações ocasionais de melodias sinistras de órgão. — Duas noites atrás, quando você me salvou? Como percebeu que eu estava em perigo?

Ele me lança um olhar silencioso, que exige saber: Se você não é burra, por que está agindo como tal? Então, ele se ajoelha para cuidar do corpo do

vampiro, abaixando a cabeça como um soldado que está sendo condecorado cavaleiro.

Ele está, mais uma vez, se deixando à minha mercê. Ele se lembra de quem eu sou, de quem ele é, e ainda assim não faz nada para se proteger de mim. — Acho que você sabe — diz ele. — E se não souber... tenho certeza de que consegue descobrir.

Engulo em seco. — Há quanto tempo você...?

— Um tempo.

Balanço a cabeça, incrédula. — Você... você vai ter que ser mais específico. — Observo-o cortar o vampiro em pedaços menores de carne, pequenos o suficiente para que ele não consiga se regenerar antes do amanhecer.

— Sobre o quê? — Franzindo o nariz e dando de ombros pragmático, ele chuta os pedaços para onde o sol os atingirá assim que nascer.

— Eu... Sobre tudo.

Ele suspira profundamente, como se minha incapacidade de ler sua mente fosse um inconveniente, mas um que ele tentará lidar com a graça de seu coração. Ele olha para o pedaço de folia que podemos ver do beco, depois para mim. — Não acho que aqui seja o melhor lugar para fazer isso.

— Onde, então?

— Eu tenho um lugar.

— Aqui? Em Nova York?

Ele concorda.

— Onde?

O sorriso dele é pequeno e melancólico. — Na verdade, na frente do seu.



Entre é, de certa forma, um eufemismo. Ele mora na casa em frente ao meu prédio, exatamente a duas calçadas e um cruzamento estreito de distância de mim.

Fico parada na porta, um pouco perplexa, e não o sigo para dentro, mesmo quando ele me olha com aquela expressão meio reprovadora, meio impaciente, meio repreensiva, que estou começando a gostar demais. — Se eu quisesse você morta, você estaria morta.

— Isso é muita presunção sua. Você poderia tentar, mas eu...

— Aethelthryth — diz ele, absolutamente cansado.

Pigarreio. — Não consigo.

Ele franze a testa.

— Não posso entrar. A menos que você me convide formalmente e verbalmente.

Seus olhos se arregalam como se Lazlo Enyedi, o extraordinário matador de Guildas, tivesse se esquecido de uma de nossas limitações mais perigosas. — Certo. Foi mal. — Ele pigarreia. — Aethelthryth, nada me faria mais feliz do que ter você aqui comigo, ou em qualquer outro lugar que eu possa chamar de lar, enquanto eu viver. Por favor, entre.

Tento não ofegar, mas é um convite geral — incrivelmente difícil de retirar e, portanto, estúpido de fazer. Ele deve saber disso.

De repente, entrar parece perigoso por uma série de razões totalmente novas.

Eu faço isso de qualquer maneira.



Da casa dele, Lazlo não conseguia ver direito o interior do meu

apartamento, e duvido que ele passasse os dias observando cada movimento meu. Mas ele tinha uma vista da minha escada de incêndio, e não consigo deixar de relembrar mentalmente todas as noites que passei sentado nos degraus, olhando para o céu e para a cidade.

— Quanto tempo?

— Hmm? — Na cozinha, ele tira o suéter para lavar o pior do sangue.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Vamos lá. Você sabe quanto tempo.

Certo. — Por quê?

— Por que não? — Ele dá de ombros. — Tenho muito tempo livre. Pouquíssimos interesses. Só um, na verdade. — Ele olha na minha direção.

Ele está falando de você, Uma voz redundante e irritante grita na minha cabeça. Quero dar um soco nela. — Que tal... matar vampiros? Você não deveria... ser o último da minha linhagem?

— Não. Há mais dois. Mas eles são como você.

— Como eu?

— Eles selecionam cuidadosamente seus alimentos. Não matam mais inocentes.

Ainda não faz sentido. — Desde quando a Guilda Hällsing dá passe livre para vampiros éticos?

— Desde nunca, eu acho. Mas não sei. Parei de trabalhar com eles há um tempo.

— Ah. — Inclino a cabeça. — Não achei que isso fosse algo que caçadores pudessem fazer. Aposentar-se, quero dizer.

Ele fecha a torneira e se vira para mim, encostando-se no balcão, me dando uma visão completa da máscara de Colombina em seu peito sem camisa. — Eles não fazem isso. Caçadores continuam sendo transferidos para novas linhagens até morrerem. Alguns tentaram sair, mas a situação tende a ficar complicada. A Guilda não é um antigo empregador particularmente benevolente.

— Então por que eles deixaram você ir?

— Não fizeram isso. Quando eu saí, mandaram gente atrás de mim.

— E?

— E eu os mandei de volta.

— Com uma recusa educadamente formulada para voltar a participar?

— Com as cabeças cortadas. — Outro dar de ombros. — Eu não escolhi me tornar um caçador. Eu era o filho mais novo de pais pobres, e eles me venderam para a Guilda para alimentar meus irmãos mais velhos. Nada me foi explicado — fui moldado, manipulado e ordenado a massacrar o que me foi descrito como uma horda de feras feitas à imagem do diabo que ameaçava a própria sobrevivência da humanidade. Mas quatro séculos atrás... as coisas mudaram, e eu não queria mais fazer parte daquilo. Eu fui embora. A Guilda tentou me punir, mas depois de um tempo eles perceberam que nenhum caçador era poderoso o suficiente para me capturar, e desistiram. Não há muitos vampiros restantes, e tudo o que eu quero é cuidar da minha vida. Posso ser uma ponta solta para eles, mas sou inofensivo.

Quatro séculos atrás. Década de 1600.

Quando o baile de máscaras aconteceu.

Não consigo entender. — Então, conversamos sobre o sentido da vida ou algo do tipo num baile, e você se divertiu, mas mudou de ideia sobre matar vampiros porquê... — Engulo em seco. — Porquê de repente você me achou bonitinha ou algo assim?

— Eu não te achei nada de repente. Eu sempre soube que você era... fofa. — Seus lábios se curvam como se fosse a primeira vez que ele usasse a palavra em todas as suas eras, e o gosto dela é muito açucarado em sua boca. — Você nunca deixou de ser... isso, para mim. E não. Esse não é o motivo.

— Então o que...

— Passei anos matando sua espécie. Então, no baile, troquei algumas palavras com você. E pela primeira vez desde que me transformei em um caçador, percebi que você não era tão desalmada quanto me ensinaram. Você era racional. Você tinha sentimentos. Você pensava em mais do que apenas seus

próprios desejos. — Ele cruza os braços, sem se desculpar. — Então, decidi fazer minha própria pesquisa.

— Qual seria . . . ?

— Você parecia sábia. E interessante. Mas, no começo, eu não queria te poupar. Eu só queria te observar. Para aprender mais.

— E?

— Eu observava. Sempre de longe. E havia muito de você para estudar. Aprendi que você não matava indiscriminadamente. Que ajudava pessoas fracas a carregar malas pesadas. Que compartilhava sua riqueza, defendia inocentes e se ofereceu para passear com a cadela da sua vizinha quando ela quebrou o quadril.

Meu Deus. Ele está falando da Sra. Cole e da Abóbora, na década de 1930. — Ele era um cachorro muito fofo — digo, entorpecida.

Lazlo é tão ilegível que não sei se ele compartilha minha opinião sobre os pomeranos. — Eu observei você e seus atos simples e mundanos de gentileza. Eram pequenos, mas faziam toda a diferença para aqueles que os recebiam. — Ele faz uma pausa por um momento, como se esperasse que eu protestasse, revirasse os olhos, gritasse com ele por me espionar por séculos. Mas não tenho motivos para gritar, e ele continua: — Eu fui criado para... Disseram-me que vampiros eram um prejuízo para este mundo. Mas era óbvio que você tornava a vida dos outros mais fácil. E olhando para você, não pude deixar de pensar que o mundo era melhor. Porque você estava nele.

— Mas você ainda tentou... — Matar-me, eu quero dizer. Porque ele fez isso. Por séculos. Repetidamente.

— Depois de formar minha opinião sobre você, concentrei-me no resto da sua linhagem. Duas outras mulheres que, como eu disse, não machucam inocentes. Decidi poupá-las também. Mas depois disso... — Pela primeira vez, sinto alguma hesitação. Como se o que vem a seguir não o deixasse muito confortável. Algo mais difícil de admitir. — Senti sua falta. De te observar. Eu simplesmente... gostei de você. Era um sentimento novo para mim, querer

conhecer alguém. Querer ser conhecido por essa pessoa como eu realmente sou. Então, tentei fazer isso.

— Você tentou... o quê?

— Para falar com você. Para explicar que não queria mais te matar.

— Quando?

Na Itália. Depois em Derbyshire, no século XIX. Na Turquia, alguns anos depois. Tailândia e Indonésia. Mais algumas vezes também.

Eu me lembro. Ou, mais precisamente: eu me lembro dele vindo atrás de mim em todos aqueles lugares. Claro, eu pensei que fosse parte de uma caçada mortal. Não que ele estivesse tentando... o quê? Me conhecer melhor? — Você me esfaqueou. Ainda em Berlim.

Ele ergue a sobrancelha. — E você me empalou na Colômbia. Aethelthryth, para pessoas como nós, é o equivalente a beliscar. E depois de um tempo, caçar você se tornou a única maneira de estar perto de você. Eu queria passar um tempo com você, mas só pude fazer isso como o caçador encarregado de pôr fim à sua linhagem. — Ele olha pela janela. — Eu me dei permissão para me mostrar a você uma vez por década. E no tempo restante, eu apenas fiquei por perto. Me certifiquei de que você estava bem. Não que você não tenha provado repetidamente que sabe cuidar de si mesma, mas... — Ele dá de ombros novamente e, pela primeira vez desde que me tornei vampira, eu entendo algo muito importante.

Posso não precisar respirar, mas ainda preciso conseguir respirar. E agora, simplesmente não consigo.

— Basicamente, você tinha uma queda por mim — resumo, com a voz rouca.

Depois de vários segundos, ele concorda. — Acho que sim. Não foi... sexual. Não no começo. Mas então... — Ele morde a parte interna da bochecha, envergonhado. — Eu gostava muito de você. Como pessoa. Como mulher. Você é linda. E sempre que éramos próximos, apesar do fato de haver violência envolvida, você era... boa. — Eu me pergunto se estou imaginando, o leve rubor

salpicando suas bochechas. — Eu não te conheço bem, Aethelthryth, mas te conheço melhor do que você me conhece. E ontem de manhã, mesmo depois de acordar e não conseguir me lembrar de nada, tudo o que eu sentia por você estava... lá. E ainda está.

E ainda é.

Ele não pode ter dito: Não.

Porque: — Você é um caçador de vampiros.

— Na aposentadoria.

— Então, o que... o que você gostaria de fazer? Agora que... O que você...?

Sua garganta se move. — A decisão é sua, Aethelthryth.

Meu Deus. É mesmo.

É mesmo.

E de alguma forma, apesar de quão incrivelmente confuso tudo isso é, é a decisão mais fácil que já tive que tomar.

— Eu... eu acho que você tem uma vantagem. E você sabe coisas sobre mim. Que eu... não sei. Sobre você, claro. E é justo que... — Cerro as mãos ao lado do corpo, sentindo-me tonta. Lentamente, com certeza, uma ideia se forma na minha cabeça. — É justo que eu passe um tempo com você. E que a gente se vingue.

Ele congela como se o que eu acabei de dizer tivesse detonado um milhão de bombas em seu cérebro. Mas então ele acena com a cabeça, cautelosamente, como se não quisesse me assustar.

— Talvez pudéssemos... Amanhã à noite, por exemplo? Nos encontrar? E conversar? Mas preciso ir agora. Sangrei muito, o que significa que vou precisar me alimentar em breve, então terei que encontrar alguém que...

— Eu vou ajudar — ele deixa escapar.

Concordo com a cabeça. Dou uma risadinha. — Você tem uma pista sobre alguém muito ruim?

— Não — ele diz. Mas se vira para abrir uma gaveta e tira uma faca

afiada e reluzente. Antes que eu possa entender o que ele está prestes a fazer, ele a segura com força e deixa a lâmina fazer um corte profundo na palma da mão. — Mas eu ficaria feliz em lhe fornecer o que você precisa.

Minha coluna, junto com o resto das minhas terminações nervosas, se liquefaz.

Sinto meu corpo inteiro tremer.

Tentar me fazer considerar a impossibilidade disso: Um caçador. Oferecendo alimento para mim. Uma vampira.

Então o cheiro do seu sangue atinge minhas narinas, e tudo o que posso fazer é correr até ele.

Capítulo 14



Batemos em vários cantos afiados antes de finalmente encontrar uma superfície plana — que por acaso é o piso de cerâmica da cozinha dele. Seguro a palma da mão de Lazlo contra a minha boca, agarro com força a ferida que ele criou para mim, só para mim, e dou goles profundos e grossos enquanto subo nele para sentar em seu colo.

É como se ele fosse minha própria presa — uma que eu cacei, subjuguuei e capturei. Uma que decidi guardar para mim.

Pelo jeito que o âmbar de suas íris desaparece em pupilas escuras, ele parece não ter objeções a isso, mas para ter certeza de que estamos na mesma página, eu giro meus quadris contra ele e o observo arquear e gemer como se estivesse com dor.

Sim. Exatamente o mesmo.

Sexo e sangue sempre viveram em dois baldes separados para mim. Prazer e nutrientes. Luxo e necessidade. Diferentes, isolados, nunca se encontrarão. Mas isto... É bom. O gosto do sangue de Lazlo enchendo minha boca é delicioso, um sustento vital, uma droga perturbadora à qual já sou viciada. Nunca foi assim para mim, e o motivo me atinge enquanto dou outro gole profundo e descarado: esta é a primeira vez que bebo sangue que me foi dado livremente.

É tão excitante que gemo na mão de Lazlo e o ouço fazer o mesmo. Meu

corpo inteiro vibra de prazer só de pensar nisso — que esse homem quer que eu esteja viva, que eu esteja saudável, que quer me oferecer algo pela simples razão de que se importa com o meu bem-estar.

Ele não se importa que eu esteja pegando. Na verdade, ele está dizendo coisas em húngaro que se resumem basicamente a ‘ foda-se sim e por favor’ . Mais.

Mas ele também estava ferido, e eu estava bebendo muito. Eu me forço a parar, me afasto da carne dele e digo: — Não quero beber muito...

Com uma flexão do abdômen, ele se levanta debaixo de mim e pressiona a palma da mão de volta contra a minha boca, um silêncio que me faz calar essa bobagem e pegar tudo o que quiser. E eu faço isso. Até que meus olhos vidrados e ensanguentados pousam em seus lábios, e eu percebo que há algo que eu desejo ainda mais do que seu sangue.

Eu me afasto. Ele me observa lambe o que sobrou dele dos meus lábios, e seu gemido é pura agonia. — Porra — ele murmura, rouco, extasiado.

— Eu... Você... Posso te beijar? Posso ter gosto de sangue, então se você não quiser...

Ele fecha o espaço entre nós, e sua boca acaricia a minha, lenta, sensual, profunda. Sinto seu gemido de prazer exalado contra minha língua. O corte em sua palma já se recuperou, e uma mão viaja para minha bunda, meus seios, meus quadris, enquanto a outra aperta minha nuca. Nós dois ofegamos, nossos corpos tão próximos quanto possível.

Isso é confuso, descoordenado e diferente de tudo. A sensação de tocar e ser tocada por alguém que me conhece e que eu conheço. Alguém que gosta de mim e de quem eu gosto. Alguém por quem eu poderia me apaixonar e que me amaria de volta.

A doçura disso ecoa através de mim e eu a saboreio.

— Você está tão linda agora — ele diz, seu corpo grande se arrastando contra o meu, e eu sinto um formigamento na espinha, o desejo de alcançar mais, de ter sua pele esfregando contra a minha.

Foi aí que me dei conta de que não conversamos sobre nada disso. Eu só... eu pulei em cima dele. Eu literalmente o derrubei no chão, e...

Besteira.

— Nós não... — começo. E então: — Desculpe. Você acabou de me oferecer sangue, e eu posso ter me aproveitado, e não precisamos fazer nada. Posso parar se você...

Ele nos vira até que eu esteja embaixo dele, e é o — não foda-se — mais alto e silencioso que eu já ouvi. O chão deveria estar dolorosamente duro, mas eu sou líquida sob Lazlo, flexível e maleável, e se a sensação de me ter presa o faz perder um pouco a cabeça, tem o mesmo efeito em mim. Um nó de calor e fricção cresce dentro de mim, arrastando pensamentos racionais, e então estamos tirando as roupas um do outro e ele me tocando em todos os lugares, ao mesmo tempo violento e reverente, frenético e adorador.

— Por favor — eu imploro. — Por favor, por favor...

Ele roça em mim. A cabeça do seu pau está cheia de miçangas, vazando. Ele atinge meu clitóris, me abrindo onde já estou molhada. — Ok? — ele pergunta.

Concordo com a cabeça, e então ele está dentro de mim, grande, um pouco rápido demais, incompreensível. De repente, tudo recua. O mundo desacelera. Tudo o que consigo sentir é a batida do seu coração contra o meu. Seus dedos tremem nos meus cabelos, e minhas coxas balançam em volta dos seus quadris.

Nessa idade, pensei que meu corpo não me guardaria mais surpresas. Nenhuma sensação nova.

Eu estava errado.

— Puta merda — ele sussurra, quase para si mesmo. Então ele começa a se mexer, as estocadas queimando e vibrando dentro de mim, minha barriga ainda cheia do melhor sangue que já senti, sua boca contra a minha enquanto ele me diz o quão perfeita eu sou, há quanto tempo ele queria isso, que ele já sabe que vai precisar disso para sempre. Sua ereção grossa me preenche, me levando

cada vez mais perto do clímax até que eu gemo e o aperto em contrações longas e intensas.

Ele vem logo depois, com um grunhido profundo abafado na minha garganta.

E então eu aperto meus braços em volta dele enquanto ele recupera o fôlego, sentindo os beijos que ele pressiona contra minha clavícula, meus seios, a carne macia sob meu queixo e...

Começo a rir. E a rir.

E rindo.

Lazlo levanta a cabeça e me encara. — Que bom que você achou hilário o momento mais significativo da minha vida.

— Não, não, eu... Não é... — Tento parar de rir, em vão. — Eu só estava pensando, precisamos encomendar uma placa comemorativa. Colocar ali, naquela parede.

— Por que?

— Porque... Um caçador e uma vampira. Fazendo isso. Tem que ser a primeira vez na história, certo?

Ele se abaixa para me beijar, mas não antes de eu ver o sorriso em seu rosto.

Epílogo



Ainda estamos trabalhando na construção da nossa rotina, Lazlo e eu, mas tudo bem. Ainda é cedo, e por enquanto, tudo se resume a descobrir o que gostamos — e depois repetir isso várias e várias vezes.

Juntos.

Conversamos. Beijamo-nos. Tocamos. Viajamos e ficamos parados. Dançamos. Brigamos. Cozinhamos. Escolhemos livros, filmes e bons poemas. Observamos as plantas crescerem e as flores desabrocharem. Visitamos a natureza, as grandes cidades e as fazendas rurais, compartilhamos palavras cruzadas, cafés e museus.

Evitamos outros imortais, caçadores e vampiros, mas descobrimos que não é tão difícil fazer amizade com vizinhos humanos e gatos de rua. No inverno, vamos para o norte, onde o sol mal nasce. No verão, vamos para o sul. Chile e Argentina. Halloween, no entanto...

No Halloween, voltamos para casa.

Sentamos na nossa varanda. Bem-vindos, crianças, pedindo doces. Assistindo às festividades. No início da noite, Lazlo comerá uma maçã caramelizada; mais tarde, eu beberei um gole do sangue dele, e o sabor será mais doce do que no resto do ano.

— Você é um vampiro? — pergunto a um garoto com uma linda capa de veludo, entregando-lhe uma barra de chocolate grande.

Ele vai concordar, feliz.

— E eu sou um caçador de vampiros — seu amigo me dirá.

— Estranho, né? — Lazlo sussurrará em meu ouvido, me puxando de volta para seu calor sólido. Seus braços longos se fecharão em volta do meu tronco, e eu sorrirei e pensarei comigo mesma: Estranho. Mas coisas mais estranhas já aconteceram.

FIM...